



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELMUT SCHWARZELMULLER

**A ELABORAÇÃO E O USO DA IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA**

Salvador
2007

HELMUT SCHWARZELMULLER

**A ELABORAÇÃO E O USO DA IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inez S. Souza
Carvalho

Salvador
2007

Biblioteca Anísio Teixeira / Faculdade de Educação - UFBA

S411 Schwarzmuller, Helmut.

A elaboração e uso da imagem na construção do conhecimento em Geografia / Helmut Schwarzmuller. – 2007.
101 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Inez de Souza Carvalho.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.

Faculdade
de Educação, 2007.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Percepção espacial. 3. Imagem. I. Carvalho, Maria Inez. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 910.7

A ELABORAÇÃO E O USO DA IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada: _____/_____/_____

HELMUT SCHWARZELMULLER

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Inez S. Souza de Carvalho - Orientadora
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Creuza Santos Lage
Doutora em Geografia
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Maria Roseli Gomes Brito de Sá
Doutora em Educação
Universidade do Estado da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

Aos colegas de trabalho, das Faculdades Jorge Amado, que apoiaram e estimularam minha caminhada; aos meus alunos que juntos dos amigos dos bairros Escada e Plataforma se mostraram compreensivos quanto ao processo de ensinar e pesquisar a realidade socioespacial, bem como aos meus filhos Marcus e Gabriel pelas horas de descontração e lazer necessários para aliviar as tensões próprias da construção da pesquisa e a minha atual companheira e amiga Luzinete pela sua compreensão e ajuda.

Agradeço, em especial, a Marcelo Faria e Márcea Sales incentivadores da busca da pesquisa pelo simples prazer de saber, ao meu amigo Marcelo Correia, que no final da caminhada foi de fundamental importância, com sua paciência e estímulo.

Aos colegas e aos professores do Mestrado, em especial ao professor Dante Galeffi, pelas discussões filosóficas e epistemológicas sobre o mundo vivido e experienciado no processo aprendente.

A minha orientadora Maria Inez Carvalho, pela confiança, paciência, incentivo, reflexões e apoio espiritual. A professora Creuza Lage e professora Roseli de Sá que tantas contribuições deram através de seus olhares apurados, impregnados de conhecimentos e de suas análises críticas que foram de fundamental importância para conclusão da dissertação.

RESUMO

Este trabalho analisa algumas possibilidades referentes ao uso das imagens na construção do conhecimento em Geografia, entendidas como mediação do processo de interpretação e compreensão da realidade socioespacial. Para isso, assumimos o espaço urbano, mais especificamente o Subúrbio Ferroviário de Salvador, como espaço de aprendizagem, no qual se desenvolveu os registros das percepções ambientais aliados ao espaço da sala de aula, local por excelência para o desenvolvimento das aprendizagens teórico-conceituais que simultaneamente foram confrontados com os dados coletados e os saberes produzidos no espaço urbano. O objetivo estabelecido pela pesquisa foi compreender como os aprendentes constroem/aproximam-se do conceitual da ciência geográfica a partir de exercícios que estimulassem a percepção ambiental urbana, a elaboração/produção de imagens sobre a cidade aliadas às narrativas verbal-escrita. O referencial teórico conceitual foi organizado a partir da fenomenologia, da Geografia Humanística, nas suas perspectivas culturalistas. Quanto aos procedimentos de pesquisa, foram priorizados aqueles que caracterizam as Ciências Humanas nas suas abordagens qualitativas, das pesquisas etnográficas centradas na análise do cotidiano escolar, no *estudo do meio*, na descrição e contextualização dos fenômenos espaciais, na elaboração de mapas mentais, leitura e interpretação de imagens, além da construção de narrativas nas quais os autores descrevem suas produções. A análise proposta pela pesquisa permitiu compreender como se desenvolve o processo de percepção ambiental urbana e como os aprendentes constroem/aproximam-se dos conceitos fundadores da ciência geográfica; lugar, paisagem e espaço social ao elaborar novos esquemas cognitivos.

Palavras-chave: Lugar, Percepção ambiental, Imagem e Fotografia.

ABSTRACT

The present work analyses some possibilities of developing geographical knowledge through the use of images, understood as a mediation to interpret and understand the socio-spatial reality. To do so we studied urban space, specifically the “subúrbio ferroviário” area in Salvador-BA as a learning space where we developed the data’s socio-environment perception, linked to classroom theoretical approaches, that was simultaneously confronted with the urban registration and the knowledge of the urban space. The target of this research was to understand how students build / reach geographical knowledge, through exercises which try to stimulate the urban environment perception, the elaboration/production of images about the cities allied to oral/written narratives. The theoretical reference used in this research was based on phenomenology approaches of Humanistic Geography in relation to cultural perspectives. We privileged qualitative approaches of Human Geography, especially those linked to ethnographic methods focused on the analyses of school every-day-life and environment empiric studies; on the description and contextualization of spatial aspects, on the construction of mental maps and written narratives. The analysis allowed us to understand how students build some central concepts of Geographical thought such as place, landscape and social space, when they try to elaborate new cognitive schemes.

Key words : Social space, place, environmental perception, image, photography and mental map

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 Ciências Humanas: pesquisa qualitativa e o local da pesquisa.....	11
1.1.1 Os locais e os sujeitos da pesquisa.....	13
1.2 Procedimentos metodológicos.....	15
1.3 Imaginando a teoria.....	21
1.3.1 A Geografia Humanística e a perspectiva cultural da Geografia.....	26
1.3.2 O referencial teórico-conceitual.....	29
1.3.2.1 O esboço teórico-conceitual.....	31
1.3.2.2 O espaço social.....	31
1.3.2.3 Imagem.....	33
1.3.2.4 Fotografia.....	34
1.3.2.5 Linguagem e percepção.....	35
1.3.2.6 Lugar.....	38
1.3.3 O estudo do meio.....	39
2. O SUBÚRBIO FERROVIÁRIO: METODO DA CONTEXTUALIZAÇÃO A IMAGEM COMO IDÉIA.....	43
2.1 A contextualização.....	45
2.1.1 A delimitação geográfica e os aspectos fisiográficos.....	46
2.1.2 A evolução socioespacial.....	48
2.2 A idéia como imagem: olhar de fora (pré-concepção).....	50
2.2.1 Olhares de fora.....	53
2.2.2 Leitura/interpretação das imagens/idéias.....	54
3. O ESTUDO DO MEIO – O IR PARA VER.....	59
3.1 Educando o olhar em busca do saber geográfico.....	60
3.2 O <i>ir para ver</i> - roteiro de observação/descrição.....	62
3.3 Os registros fotográficos - imagens fontes de conhecimento geográfico.	66
3.3.1 Fotografia: aspectos ambientais.....	69
3.3.2 Fotografia: aspectos socioespaciais.....	72

4. FOTOGRAFIA, REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM.....	75
4.1 Análise semiológica.....	76
4.2 A transformação da realidade fotográfica: o imaginário e o mapa mental	77
4.2.1 Os mapas mentais: os aspectos ambientais e os aspectos socioespaciais.....	80
4.2.1.1 Os mapas mentais: os aspectos ambientais.....	82
4.2.1.2 Os mapas mentais: os aspectos socioespaciais.....	87
5 CONCLUSÃO.....	94
6 REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do estudo geográfico na escola é, pois, o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto, em movimento. Um estudo do espaço assim concebido requer uma análise da sociedade e da natureza, e da dinâmica resultante da relação entre ambas.

Lana Cavalcanti.

O estudo sobre a percepção espacial e a elaboração/utilização das imagens abre perspectivas para discussões importantes sobre o estudo do espaço geográfico, entendido aqui, como espaço social, e os rumos que o ensino de Geografia está trilhando com a chegada do século XXI. Discutir esse tema, no nosso entendimento, é função da escola e de grande importância para os profissionais-professores das várias disciplinas que constituem as Ciências Humanas, e dentre eles os professores de Geografia. É preciso discernir entre o político, o ideológico e o teórico que se encontram combinados nas imagens, e esta é uma tarefa de reflexão intelectual.

Considerando-se que, cada vez mais, nos utilizamos das imagens visuais na construção do sentido e dos significados, seja no ambiente social, seja no educacional escolar torna-se imperioso discutir as semelhanças e diferenças e as possíveis relações presentes entre as diferentes formas de linguagem que permeiam a construção do conhecimento sobre a realidade socioespacial.

Nesta pesquisa, procuramos investigar, através da elaboração/utilização/análise de imagens, como os aprendentes¹ constroem/aproximam-se dos conceitos de lugar, paisagem e espaço social, a partir da elaboração de mapas mentais. O objetivo é desenvolver e avaliar alguns procedimentos de ensino e pesquisa, sobre como se efetua a construção/aproximação dos conceitos de lugar, paisagens e espaço social na

¹ A noção de aprendente nesta pesquisa segue a definição estabelecida por Assman (1998, p. 129), que se refere ao “*agente cognitivo (indivíduo, grupo, organização, instituição, sistema) que se encontra em processo ativo de estar aprendendo. Que/quem realiza experiência de aprendizagem*”.

medida em que estes são ferramentas ou recursos intelectuais fundamentais para a compreensão da realidade socioespacial, ainda que essa seja uma empreitada difícil.

Mas é preciso aceitar o desafio, pois, reiterando o que foi citado anteriormente, cada vez mais nos utilizamos das imagens visuais e mentais na construção do sentido e dos significados, seja no ambiente social, seja no educacional escolar.

Nessa perspectiva, Santaella e Noth (2005, p. 53) salientam que

[...] a relação entre a imagem e o seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. [...] considerar outros contextos mais amplos e que não só o verbal pode modificar a mensagem presente na imagem, incluindo ainda os contextos espaciais.

Nesse sentido, podemos afirmar que estamos diante de uma empreitada de pesquisa interdisciplinar envolvendo o tema da (re)produção de imagem na sua função educativa e na construção de uma possível visão de mundo. Para avançarmos na discussão dessas relações interdisciplinares no interior da pesquisa – se é que existem relações diretas, procuramos investigar algumas ações educativas - apoiadas na elaboração/utilização de imagens visuais do espaço urbano – que utilizam estas imagens para um diálogo com os conceitos específicos da ciência geográfica em uma perspectiva intertextual. A idéia era utilizar as imagens como um intratexto – para desenvolver os conteúdos conceituais do corpus da ciência geográfica. Dito de outra maneira, a questão é saber o que significa, em termos educativos, promover um descentramento do conceitual verbal-escrito, do texto escrito presente nos livros didáticos de Geografia, em favor da utilização de imagens e da percepção espacial no processo aprendente.

Por se tratar de uma pesquisa na área de educação, a mesma assume a sala de aula como espaços de aprendizagem para se compreender como a elaboração/utilização das imagens constroem o conteúdo conceitual da Geografia além de veicular crenças e valores que fazem parte da formação dos sujeitos cidadãos. Para isso, assumimos que a sala de aula é o *locus* que deve promover atividades e possibilidades de confronto de crenças e saberes que permitam ao

aprendente se perceber como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.

Dessa forma, podemos adiantar que o trabalho desenvolvido com as imagens visuais permite o desenvolvimento de capacidades cognitivas que tendem à superação da polaridade metafísica expressa entre a teoria e a prática, como que no fazer prático não estivessem presentes a atividade intelectual e o ato de pensamento e vice-versa, ou expressa simplesmente entre ação e leitura e a percepção/vivência do ambiente.

Desse modo, a pesquisa sobre a elaboração/utilização das imagens na construção do conhecimento em Geografia, como parte do processo educativo, investiga o problema da construção do conhecimento e do desenvolvimento da linguagem, assim como da elaboração de informações sobre as estruturas presentes no ambiente urbano como forma de apreender a realidade a partir da percepção da leitura e representação do espaço. Essas representações simbólicas são ancoradas na compreensão dos aspectos ligados aos vários espaços de aprendizagem que não são necessariamente só as desenvolvidas em salas de aula.

Assim, a pesquisa do cotidiano escolar coloca-se como fundamental para compreendermos como a escola desempenha seu papel de socialização e formação dos sujeitos cidadãos, na medida em que esta é parte da práxis social mais ampla.

1.1 Ciências Humanas: pesquisa qualitativa e o local da pesquisa

Por considerarmos que as Ciências Humanas e, entre elas, a Geografia fundamentam-se no modo de ser do homem, tal como se constitui no pensamento ocidental moderno, como fundamento de todas as possibilidades - vivendo, falando, trabalhando, conhecendo, morrendo, e, ao mesmo tempo, situado na dimensão das coisas empíricas, podemos dizer que a existência do sujeito moderno é sempre interacional, e assim deve ser entendida no trabalho de pesquisa em Ciências Humanas.

De acordo com Macedo (2000, p. 4),

Ao estudarmos as realidades sociais não estamos lidando com uma realidade formada por fatos brutos, lidamos com uma realidade constituída por pessoas relacionando-se através de práticas que recebem identificações e significados pela linguagem usada para descrevê-las, invocá-las e executá-las, daí o interesse pelas especificidades predominantemente qualitativas da vida humana.

Isso significa dizer que em Ciências Humanas e os seus métodos são caminhos que devem auxiliar na compreensão, interpretação dos processos da significação que os homens atribuíram às suas condutas socioespaciais, e que são sempre condicionadas ou orientadas por expectativas e desejos em relação à ação dos outros.

Assim, as Ciências Humanas consideram o ato social como unidade básica e admitem que o homem possa compreender as suas próprias intenções bem como interpretar os motivos da conduta de outros homens, voltando-se assim, para o particular fenômeno significativo apreendido em sua totalidade intersubjetiva.

Dessa forma, o que se encontra em tensão, para pesquisas em Ciências Humanas, são os aspectos objetivos e subjetivos presentes no interior dos indivíduos humanos e, entre eles, os aspectos predeterminados do mundo – coisas, formas, cores, outras pessoas – considerando-se que os mesmos possuem modos diversos de aparência no espaço-tempo, o que torna a pesquisa nessa área mais sofisticada e problemática.

Para Schutz (apud Capalbo, 1979, p.35), a origem dessa tensão entre o mundo objetivo e o subjetivo nas Ciências Humanas encontra-se no fato de que

[...] há uma diferença básica entre as estruturas do mundo social e do natural: no social a realidade é dificilmente mensurável e a experimental é quase impossível – onde o pesquisador atua utilizando-se de métodos compreensíveis.

Assim, podemos afirmar que, como os fenômenos humanos não se prestam a uma fácil quantificação, estes são mais apropriados para serem analisados pelos métodos e procedimentos da pesquisa qualitativa que, ao contrário da pesquisa quantitativa, procura uma interpretação/compreensão singular daquilo que pesquisa, pois não há uma preocupação com as universais, generalizáveis. O enfoque e a atenção são voltados para o específico, o singular, buscando sempre a sua compreensão.

Nessa perspectiva, entendemos que as abordagens em Ciências Humanas devem priorizar os enfoques qualitativos, presentes nas interfaces das ações imediatas do mundo cultural, do trabalho e da linguagem vivida pelo homem em sua plenitude. Isso não significa dizer que os aspectos quantitativos não estejam presentes no objeto investigado, mas, pelo contrário, os mesmos devem ser considerados mais como instrumentos e menos como formas de abordagem das experiências do mundo vivido.

Estas são, portanto, escolhas que fazemos entre os caminhos-métodos possíveis de investigação e descoberta que devem nos levar ao objeto. Método e objeto interagindo, e, criativamente, iluminando-se no decorrer do processo aprendente.

Dito de outra forma, os métodos da pesquisa devem ser relacionados, ajustados e desenvolvidos a partir de sua compatibilidade com a natureza do fenômeno pesquisado. Nesse sentido, assumimos o método fenomenológico-hermenêutico, entre as opções disponíveis, como método de abordagem, sendo este apoiado pelo *estudo do meio*.

Assim, a realidade social ao se constituir como fato cultural, e se apresentar a nós como fenômeno de produção de identificação e de significação entre os homens, ou seja, como práticas significantes, estas são na verdade práticas de produção de linguagem e sentido, que devem ser tratadas e investigadas nos vários espaços de aprendizagem.

1.1.1 Os locais e os sujeitos da pesquisa

Como em qualquer tipo de investigação científica, a elaboração do problema e a tentativa de delimitação do objeto de estudo no seu marco espaço-temporal são etapas das mais significativas.

Para o desenvolvimento da percepção ambiental urbana na pesquisa foi escolhido como local o *Subúrbio Ferroviário*, no qual se desenvolveu o *estudo do meio*, promovendo a percepção espacial-urbana, o registro fotográfico, as anotações das características espacial-urbanas, suas qualidades, conforme o roteiro de

observação e descrição elaboradas em parceria com os aprendentes do Curso de Licenciatura em Geografia das Faculdades Jorge Amado (FJA Figura 1).

A região do *Subúrbio Ferroviário* encontra-se distante 10Km do centro da cidade do Salvador, tendo a sua linha férrea como um marco referencial que possui 14,5Km de extensão ligando o bairro da Calçada ao bairro de Paripe nos seus extremos. Esta área da cidade é tida tradicionalmente como uma área homogênea, de segregação residencial e localizada fora da cidade.

Entre os diversos bairros que compõem o *Subúrbio Ferroviário*, escolhemos, prioritariamente, os de Plataforma e Escada para os registros das percepções ambientais urbanas, por considerá-las estes bairros já consolidados urbanisticamente e com um longo processo de evolução socioespacial.

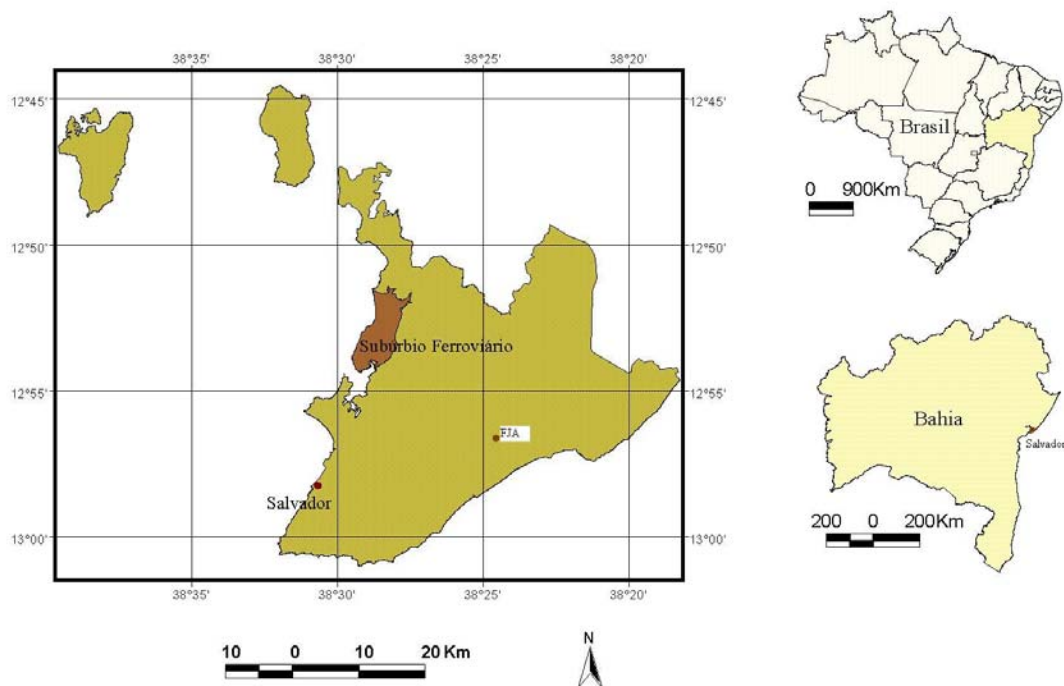


FIGURA 1 – Localização da área do estudo do meio

Fonte: CONDER, 2000.

Elaboração: SCHWARZELMULLER, 2007.

Nesse ambiente das Faculdades, a sala de aula foi utilizada para o desenvolvimento das atividades de natureza teórico-metodológica, debates, elaboração do roteiro de observação, exposições teórico-conceituais, o trabalho de transformação das fotografias, além de ser o espaço onde analisávamos as produções de cada um e as novas questões que surgiam relacionadas às variáveis da pesquisa.

Essa sala de aula era formada por 50 alunos, que nessa pesquisa são chamados de aprendentes; todos do 5º semestre de sua graduação, matriculados como alunos da disciplina Humanidades, ministrada por mim no primeiro semestre do ano letivo de 2007, contando como carga horária de duas horas semanais.

Na escolha dessa turma levou-se em consideração o fato de que os alunos já se encontravam em fase adiantada das suas formações e, portanto, já traziam ou deveriam ter a dimensão conceitual da ciência geográfica bem desenvolvida.

Todos os aprendentes foram convidados a participar das várias etapas da pesquisa, sendo essas desenvolvidas entre os meses de fevereiro a junho de 2007. Do total de 50 produtos elaborados pelos aprendentes, escolhemos aleatoriamente 8 mapas mentais e seus respectivos textos verbais e escritos para serem analisados e confrontados com o conceitual teórico estabelecido pela pesquisa.

1.2 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa consiste em estabelecer um diálogo entre a Cidade como espaço de aprendizagem, as imagens construídas pelos sujeitos no processo aprendente conseqüente e o conceitual desenvolvido pelo conhecimento geográfico contemporâneo.

Do nosso ponto de vista, a atitude fenomenológica hermenêutica, por reconhecer a complexidade e a variedade dos significados presentes no mundo vivido, deve prestar-se ao reconhecimento de padrões de experiências estabelecidas entre os homens e os espaços, através da leitura das aparentes paisagens nas quais se desenvolvem suas vidas materiais e imateriais; sua existência plena.

Por entendermos que os lugares, as paisagens e o espaço constituem as bases fenomenológicas da realidade geográfica, pois são diretamente experienciadas pelos indivíduos como atributos do seu mundo vivido, devemos buscar nas relações estabelecidas entre os homens e lugares as estruturas e padrões por eles experienciados pelos indivíduos inseridos na sua cultura. É desse mundo da cultura em oposição ao mundo natural, que é predeterminado e que compõem as bases físicas da paisagem, que Relph (1979, p. 6-7) apresenta como significativo para essa perspectiva:

Nosso envolvimento com este complexo mundo cultural toma numerosas e diversas formas – estamos implicados com ele através de nossos sentidos e movimentos e, através da linguagem e símbolos, o encaramos tanto individual e inter-subjetivamente, o encontramos espacial e temporalmente desapaixonada e emocionalmente. Em resumo, o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como foco de seu interesse.

Assim, a percepção do ambiente urbano como prática cultural deve ser parte do processo aprendente detonador dos questionamentos e fornecedor dos elementos para a interpretação e compreensão da realidade como atividades próprias da hermenêutica. Essa percepção é fundada a partir dos usos e das imagens físicas do ambiente urbano desenvolvidas pelo sujeito e que ambas passam a se constituir como parte da manifestação concreta do espaço.

Nesse sentido, adotamos um procedimento metodológico fundado a partir da percepção do ambiente urbano, como parte fundamental de um processo de pesquisa entendida como atividade complexa, que envolve a educação do olhar, a interpretação e a compreensão da imagem urbana realizada como operações intelectuais e presentes na relação ensino-aprendizagem. Para tanto, promovemos a tensão entre as imagens da Cidade, tendo como referência a região do *Subúrbio Ferroviário* de Salvador apoiada nas observações diretas desenvolvidas no *estudo do meio*, o método do *ir para ver* (FERRARA, 1993) e nos registros fotográficos, que posteriormente foram confrontados com os textos verbais e escritos.

A utilização desses diferentes procedimentos de coleta e de fontes variadas de dados é também característica das pesquisas em Ciências Humanas, ainda que o método básico contemple a observação participante.

Procuramos examinar de que forma ocorre a compreensão da realidade espacial, considerando a relação ensino-aprendizagem como um todo que se desenvolve de mãos dadas com a evolução da linguagem como sendo um complexo sistema verbal escrito, que esteve sempre permeado pelo mundo das imagens. Esses exercícios e os instrumentos propostos foram desenvolvidos para atender a uma ordem lógica que permitisse a reflexão sobre a relação presente entre o sistema de signos da linguagem e o da imagem.

Dessa maneira, desenvolvemos algumas estratégias metodológicas que nos auxiliassem na pesquisa. A utilização pela pesquisa de diferentes estratégias metodológicas significa aqui a opção de buscar nas interfaces e no diálogo uma interpretação e compreensão dos fenômenos no seu contexto e nas suas múltiplas relações que os constituem.

Nesse sentido, a estratégia da pesquisa foi imaginada e desenvolvida em dois movimentos que aconteceram no espaço urbano tomado como espaço de aprendizagem – o *ir para ver*, e o espaço da sala de aula. Significa ainda a busca de caminhos específicos para a pesquisa em educação.

Portanto, além da fenomenologia tomada como método de abordagem, apoiamos nossa pesquisa no estudo do meio como método de procedimento, na medida em que esta é uma estratégia capaz de desenvolver a percepção espacial urbana, sendo esta uma forma de apreender o cotidiano da cidade e produzir desde aí, elementos capazes de estimular a aprendizagem, o comportamento e a ação sobre a cidade.

A contextualização do objeto da pesquisa foi outra estratégia metodológica, pois se faz necessário observar os modos, como se articulam as variáveis urbanas estabelecidas pela pesquisa para o processo aprendente. Enquanto atividade, a contextualização é reflexiva, no sentido de tornar inteligível o contexto e de reconstruir as regras de funcionamento e interferências das variáveis na construção do conhecimento.

Enquanto método, a contextualização promoveu algumas etapas, que se desenvolveram de maneira simultânea ao *estudo do meio*, a exemplo de: a

delimitação da área, e a sua localização, o ir para ver, o mapeamento para seu registro fotográfico, a análise da evolução socioespacial, além da elaboração de um conceito sobre o que significa o Subúrbio Ferroviário e, finalmente, do mapeamento das variáveis que constituem a pesquisa.

Vale lembrar que a escolha da área a ser visitada no processo da pesquisa foi escolhida em comum acordo com os aprendentes, pois os mesmos mantinham certo desejo de (re)conhecer o espaço intraurbano do *Subúrbio Ferroviário*, mais especificamente o trecho compreendido entre os lugares de Escada e Plataforma, que foram priorizados nos registros fotográficos e para as anotações das percepções individuais previstas no roteiro de observação.

Paralelamente aos procedimentos realizados no espaço intraurbano, desenvolvemos ações na sala de aula, e essas foram prioritariamente:

- a) discussões teórico-conceituais estabelecidas pela disciplina de geografia;
- b) elaboração do roteiro de observação;
- c) elaboração da noção de conceito sobre o *Subúrbio Ferroviário* e sua contextualização;
- d) transformação, leitura e interpretação das imagens fotográficas e, por fim;
- e) construção do texto verbal-escrito onde os aprendentes narram o percurso desenvolvido.

As atividades desenvolvidas em sala de aula priorizaram a leitura e interpretação dos registros fotográficos, considerando que, quando apresentamos uma fotografia, fornecemos informações, tanto abstratas como sensíveis, num certo grau de coesão e de verdade, ainda que posicionadas em planos diferentes em relação à informação do discurso verbal-escrito.

Para a leitura interpretação e transformação das imagens fotográficas, os procedimentos foram desenvolvidos a partir das orientações estabelecidas por Ferrara (1986, p. 45), que têm como parâmetro a teoria da recepção, de origem alemã e fundada a partir dos estudos de Hans Robert Jauss, que estabelece “*uma relação dialética entre arte e sociedade no interior de uma práxis histórica que possui como elementos três instâncias: produção, comunicação e consumo*” que

possibilitam a apreensão do objeto a ser pesquisado, já que o ambiente urbano é tomado aqui como elemento de linguagem e comunicação.

Como procedimento de pesquisa, utilizou-se o método da contextualização e de leitura do texto não verbal desenvolvido pela teoria da percepção (FERRARA, 1993) para a estruturação do estudo do meio. A partir daí, foi necessário tomar um fragmento do espaço urbano para ser analisado, o *Subúrbio Ferroviário*, mais especificamente o trecho compreendido entre os lugares de Escada e Plataforma.

Vale ressaltar que no processo de construção do saber, através do uso das fotografias, como texto não-verbal, devemos considerar três etapas: a primeira é que há de se considerar o caráter polissêmico das mensagens visuais, daí devemos entender que é a competência de quem olha que constrói o significado através da imagem. O que significa que a cada leitura o próprio signo-objeto nos sugere idéias muito variadas. O segundo aspecto é que as imagens, a partir do seu caráter de mensagem aberta, ligada a sua objetividade como signo de linguagem exerce um impulso sobre a consciência na direção da leitura e interpretação, mas que só é possível através do filtro da cultura no qual o sujeito se encontra inserido. Dito de uma outra forma, a leitura da imagem depende em certa medida da linguagem e do repertório presente no sujeito que observa.

Por fim, se considerarmos as fotografias como signos que fazem parte de um sistema cultural, nos quais os mesmos são fenômenos de comunicação, como afirma Eco (2005, p. 20): *“na verdade todos os fenômenos da cultura são sistemas de signos, isto é, fenômenos de comunicação”*, é possível afirmar que a nossa compreensão do mundo se dá a partir dos princípios da intertextualidade presentes na objetividade dos signos fotográficos quando estes são usados, por exemplo, como signos utilitários em relação ao texto verbal.

Esses três aspectos foram levados em consideração quando da elaboração, por parte dos aprendentes, da transformação das imagens fotográficas e do texto verbal escrito, que as acompanham, onde narram as suas intencionalidades.

Na elaboração das transformações das fotografias em mapas mentais o que encontramos são olhares particulares que os aprendentes estabelecem frente às

imagens. E essas produções apontam para soluções ou para novos problemas de investigação e pesquisa. Isto porque, numa certa medida, o que vemos na transformação encontra-se nela, mais aponta para além dela.

Esses mapas mentais foram produzidos a partir das imagens fotográficas tiradas pelos aprendentes, e demonstram o estágio de aprendizagem em que os mesmos se encontram em relação ao conceitual da geografia.

Nesse sentido, a atitude fenomenológica adotada como método de abordagem em sala de aula, possibilitou reconhecer os traços da experiência do mundo vivido, não como uma realidade estática, mas como algo passível de mudanças, a partir dos princípios próprios da hermenêutica, confirmando, assim, a conexão e a interdependência dos fenômenos em toda a realidade que se apresenta como um conjunto integrado de processos dinâmicos e contraditórios.

Vale lembrar que o *estudo do meio* foi apoiado na linguagem cartográfica e na elaboração de uma imagem como idéia a respeito dos lugares a serem visitados. Em seguida, elaborou-se a contextualização tomando por base os documentos oficiais disponíveis e foram atualizados com os registros fotográficos. As atividades presenciais de sala de aula foram consideradas como etapa importante, à medida que os conceitos e noções próprios da ciência foram aí ampliados e colocados em tensão frente às percepções elaboradas no espaço urbano.

O registro fotográfico como etapa do estudo do meio apresentou de modo particular os olhares que os participantes estabeleceram frente ao conhecimento científico desenvolvido no tempo presencial em sala de aula. Os participantes do processo aprendente foram convidados a registrar em imagem fotográfica os temas desenvolvidos em sala.

O trabalho com as fotografias nos encontros presenciais foi desenvolvido em outras quatro etapas; na primeira etapa se reconheceu a dominante ligada ao tema da disciplina presente no signo fotográfico, depois concentrou-se a atenção nos conteúdos específicos e demos ênfase à descrição dos índices referentes ao espaço; a terceira etapa é marcada pela transformação da realidade aprisionada na imagem.

A construção do texto verbal-escrito, na qual é narrada a transformação realizada, foi a última etapa do procedimento, desde então, se passou a confrontar o texto verbal com o texto figurativo, não-verbal, a fim de identificar elementos da aprendizagem.

1.3 Imaginando a teoria

Nas três últimas décadas, destacaram-se, na área da Geografia, pesquisas que procuraram superar as abordagens tidas como mais convencionais sobre o espaço geográfico.

A uma base teórico-metodológica e filosófica, que até a primeira metade do século XX defendia um saber objetivo, lógico e formal, foram sendo incorporadas lentamente novas perspectivas de análise e abordagens que defenderam um saber mais subjetivo, interacional, crítico-reflexivo; dessa forma, o embasamento filosófico, centrado no positivismo clássico e no historicismo, passou a ser questionado pelo Movimento de Renovação da Geografia².

Nessa perspectiva, Cavalcanti (2002, p. 11) reafirma essa idéia quando considera que:

Numa análise da história dessa disciplina [GEOGRAFIA] no Brasil é possível marcar o final da década de 1970 como início de um período de mudanças significativas em torno de propostas de pesquisa e ensino, que ficou conhecido como Movimento de Renovação da Geografia.

Nesse processo de renovação do pensamento geográfico, a busca do novo foi empreendida por variados caminhos; isto gerou propostas antagônicas e perspectivas excludentes. O mosaico da Geografia Renovada é bastante diversificado, abrangendo um leque muito amplo de concepções. (MORAES,1981)

De acordo com o autor as questões fundamentais do processo de renovação são antigas e ensejaram o desenvolvimento de várias formas de abordagem e perspectivas, e entre elas as abordagens humanísticas e as perspectivas culturalistas apoiadas nas filosofias fenomenológicas hermenêuticas, foram/são

² Sobre esse movimento de renovação ver Moraes (1981).

relevantes no processo de reflexão sobre a Geografia por introduzir novas noções e conceitos cuja finalidade era a de explicar e transformar a realidade.

Fundamentalmente, a questão é saber em que medida a percepção/interpretação das imagens sobre a cidade constroem conhecimento geográfico e o sentimento de geograficidade. De maneira mais geral, qual a base teórico-metodológica que permite investigar o objeto cultural espacializado no ambiente urbano? Em que consistem essas representações?

Colocada a questão dessa forma e reconhecendo que a nossa pesquisa se desenvolveu na interface sala de aula/ambiente urbano tomado este último como espaço de aprendizagem, via *estudo do meio*, optou-se por uma abordagem fenomenológica na medida em que esta se caracteriza pela ênfase do mundo da vida cotidiana e pelo retorno àquilo que ficou esquecido, encoberto pela familiaridade, pelos usos, hábitos e linguagem do senso comum.

Vale dizer que, como professores pesquisadores no *estudo do meio*, procuramos ver os participantes em sua totalidade no seu pensar, sentir, comportar-se e agir no espaço cotidiano, desenvolvendo assim o processo fenomenológico-hermenêutico, como um esforço de compreensão da realidade, agimos com os nossos alunos construindo conhecimentos tanto em sala de aula quanto nas visitas promovidas pelo *estudo do meio*, realizadas nos espaços intra-urbanos na busca da observação atenta e na elaboração de novos questionamentos sobre a realidade socioespacial da área investigada.

Nesse momento, assumimos o princípio da fenomenologia de que o objeto percebido passa a ser tema de pesquisa quando se apresenta à nossa consciência estimulando o percepto na elaboração do juízo perceptivo. Esta percepção inicial é que se torna assunto para a reflexão frente à qual se poderá afirmar a existência do objeto em interação com as coisas do mundo.

Dessa forma, estamos diante de duas dimensões de um mesmo processo que se põem frente à consciência enquanto pesquisador e, que deverá ser considerado teoricamente; a questão do conteúdo conceitual desenvolvido em sala de aula colado à percepção do espaço social que foi aprisionada por imagens

fotográficas e descritas no roteiro de observação para a posterior leitura e interpretação transformando se, assim, num novo texto.

Ao adotar a abordagem fenomenológica, considera-se que esta não é só um método, mas também uma filosofia inacabada, um conhecimento em perspectiva, que se constitui, ele próprio, num tema sempre novo, tornando-se assim uma atitude filosófica de questionamento crítico, que envolve considerações tanto objetivas quanto subjetivas, presentes no espaço social, objeto da pesquisa.

No interior do pensamento ocidental contemporâneo, considera-se que Edmund Husserl (1859-1938) foi quem melhor desenvolveu as principais linhas da abordagem fenomenológica, e que foi seguido por pensadores da qualidade de Martin Heidegger, Karl Jaspers, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, entre outros.

De acordo com Asti-Vera (1980, p. 62), ao elaborar os princípios de sua fenomenologia, Husserl afirmava que *“[...] se um conhecimento positivo é entendido como absolutamente isento de (pré)juízos e baseado exclusivamente no dado, então o método fenomenológico é o único extremamente científico e positivo”*. Ao afirmar dessa maneira vigorosa sobre a importância da sua filosofia, Husserl se preparava para enfrentar a crise nas Ciências Humanas devido à crescente visão pragmaticista da ciência e o obscurecimento dos significados do mundo-vivido que estava em andamento com a hegemonia de uma certa ciência.

Nesse sentido, Relph (1979, p. 3) faz o seguinte registro:

Edmund Husserl que iniciou o estudo do mundo vivido em fenomenologia asseverou vigorosamente que a ciência não somente se tornou muito deslocada de suas origens do mundo vivido, mas está atualmente no processo de reconstituição do mundo vivido em termos de suas próprias imagens científicas idealizadas.

Portanto, é preciso (re)pensar os fundamentos da ciência moderna e de seus conhecimentos, a fim de demonstrar sua validade e aproximá-los do significado da vida cotidiana para grande parte da população mundial.

De acordo com Husserl (apud GALLEFI, 2000, p. 206), a reafirmação da possibilidade de uma ciência do conhecimento fenomenológico como conhecimento absoluto do mundo vivido já está colocado na sua própria definição:

Se abstrairmos das metas metafísicas da crítica do conhecimento, atendo-nos apenas à sua tarefa de elucidar a essência do conhecimento e da objectalidade cognitiva, ela é então fenomenologia do conhecimento e da objectalidade cognitiva e constitui o fragmento primeiro e básico da fenomenologia em geral.

Fenomenologia – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo, e acima de tudo, fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico.

O que é interessante ressaltar para a nossa pesquisa diz respeito à atitude intelectual na medida em que ela como ato da consciência propõe a redução fenomenológica – porque a experiência deve se reduzir àquilo que aparece, junto à intencionalidade do pesquisador que deseja conhecer e que, segundo Galeffi (2000, p. 207),

Na visada da fenomenologia de Husserl trata-se de praticar a EPOCHE no mais radical sentido do termo. Ora, a EPOCHE não coloca o seu praticante diante de nenhuma doutrina mais verdadeira do que aquelas praticadas pelas ciências naturais, mas apenas dá início à investigação metódica do que é próprio ao conhecer humano, a partir de uma distância já comprida em relação às verdades estabelecidas pelas ciências naturais e pelos hábitos conceptivos calcados nos senso natural – senso comum.

A atitude fenomenológica assim, caracterizada, funda-se na ênfase dada ao mundo da vida cotidiana em sua totalidade, não se limitando tão-somente às coisas factualmente observadas, mas busca reconhecer o seu significado e o seu contexto com um acabamento e previsão sempre crescentes, apoiados em procedimentos que levam a compreensão do fenômeno por meio de relatos descritivos da vida social voltados para os seus elementos estruturantes.

De acordo com Dartigues (1992, p. 132), a fenomenologia-hermenêutica deverá

[...] decifrar o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se dissimula na manifestação do dado [...] não mais se contentando em ser descrição do que se dá ao olhar, mas interrogação do dado que aparece.

Nesta perspectiva, compreender na pesquisa ou como em qualquer outra situação de apropriação do conhecimento do mundo vivido se dá através do círculo hermenêutico: compreensão, interpretação e nova compreensão. (Figura 2)

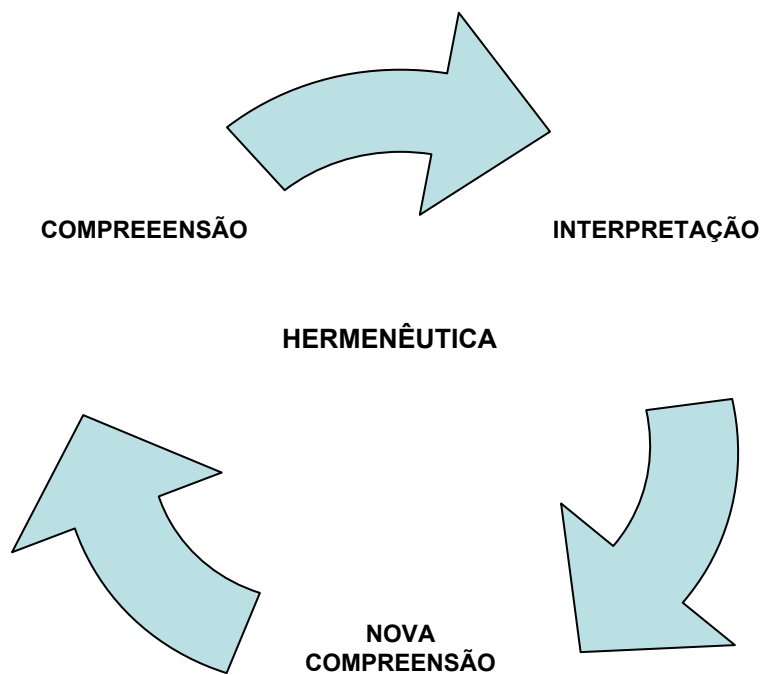


FIGURA 2 – O círculo hermenêutico

Fonte: MASSINI, 1997.

Elaboração: SCHWARZELMULLER. 2007.

Existem autores que definem fenomenologia como método e nisso parece não haver contradição alguma devido ao próprio posicionamento de Husserl. Nesse sentido Schrader (1974, p. 74) informa que o

[...] enfoque metodológico deve ser desenvolvido dentro de uma postura filosófica crítica e que deve ser caracterizada da seguinte forma: opera-se intencionalmente voltado aos princípios subjacentes à ação humana, perguntando-se sobre o racional e o irracional na realidade social, e a valoração do objeto de investigação não é excluída, mas colocada conscientemente no início do processo de investigação: a racionalidade é tida como um dos valores fundamentais do pensamento e da existência ética humano.

Essa postura metodológica implica na recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade científica, além de obrigar o pesquisador a assumir, plenamente, a intencionalidade de rever os seus próprios valores e atitudes.

A fenomenologia como uma atitude filosófica e crítica também é salientada por Peixoto (2003, p. 19), que afirma:

Para a fenomenologia, o impulso para a reflexão filosófica não deve partir das concepções já elaboradas, preestabelecidas, dos pré-conceitos, mas das próprias coisas, dos próprios fenômenos. É por isso que a filosofia enquanto fenomenologia é uma autêntica exigência ética, comprometida com a verdade, que rejeita a manipulação da realidade.

Dessa forma, imagina-se uma aproximação da filosofia com a vida cotidiana para auxiliar na construção dos valores verdadeiramente humanísticos, que devem constituir como elementos primordiais da vida social, contextualizados nos seus espaços-tempo.

1.3.1 A Geografia Humanística e a perspectiva cultural da Geografia

A Geografia Humanística se desenvolveu a partir do processo de renovação da ciência geográfica, como a forma de reação à ciência positivista e mecanicista institucionalizada nas abordagens tradicionais. Esta se desenvolveu a partir de referenciais diversificados, o que abriu espaço para ambigüidades nas suas análises.

Esta abordagem procurou realizar suas análises a partir da realidade socioespacial, tomando como fundamento os valores, os significados e os desejos que os indivíduos atribuem aos lugares quando desenvolvem suas vidas cotidianas.

Nessa abordagem, identificamos alguns pontos fundamentais, a saber :

a) a importância dada à visão antropocêntrica, onde se considera o homem em sociedade, como o centro das análises;

b) a defesa de uma visão holística heurística que valoriza a ação humana inserida num determinado contexto;

c) a compreensão de que o homem encontra-se inserido na cultura e produzindo-a em função do mesmo atribuir valores às coisas;

d) a adoção de um método pautado na subjetividade e que favoreça a explicação e interpretação dos fatos e, por fim,

e) o estabelecimento de uma relação entre ciência e arte como forma de facilitar a *“apreensão dos valores, das significações e das associações construídas por um grupo social”*. (GOMES, 2000 p. 3-4).

Na elaboração dessa abordagem o lugar passa a ser valorizado e tomado como o espaço experienciado pelo indivíduo. Tal dimensão propõe um novo olhar para o objeto da geografia, além da adoção de uma perspectiva que acentue a interpretação e compreensão social dos sujeitos no espaço. A constituição do espaço social passa a ser analisada, levando-se em conta tanto as redes de significações materiais quanto as imateriais afetivas.

Nesse sentido Gomes (2000, p. 317) salienta que

[...] olhar o espaço sob o ângulo objetivo e generalizador é arriscar deixar de lado toda uma série de aspectos que dão sentidos e espessura a ele tais como o sentimento de pertencimento às imagens, à dinâmica identitária, à experiência estética, etc.

Essas questões são desenvolvidas por vários autores, entre eles, Relph (1976), Tuan (1974) e Silva (1986) que procuraram aproximar a Geografia Humanística da atitude fenomenológica, por entender esses autores que a atitude fenomenológica hermenêutica propõe um conhecimento verdadeiro a partir do momento em que realiza a descrição minuciosa e livre dos preconceitos, o retorno às coisas mesmas.

Essa tentativa de aproximação entre a Geografia Humanista e a Fenomenologia, colocara em evidencia as questões relacionadas ao mundo vivido cultural, que segundo Merleau Ponty (apud RELPH, 1979, p.6-7).

O mundo cultural possui complexas misturas de elementos, natural e social [...] como aquelas que ocorrem, por exemplo, nas modificações reais e simbólicas dos aspectos naturais, no qual [...] nosso envolvimento com este complexo mundo cultural toma numerosas e diversas formas – estamos implicados com ele através de nossos sentidos e individual e intersubjetivamente o encontramos espacial e temporalmente [...].

Paralelamente, e como resultado dessa aproximação, desenvolveu-se a partir em 1970 uma renovação nos estudos da geografia Cultural, com novas perspectivas para o tratamento das questões da cultura.

A renovação dos estudos culturais, segundo Claval (1995 p. 75), põe em evidência:

[...] a necessidade de valorização das questões próprias da identificação dos sujeitos em relação ao lugar, suas representações e crenças culturais, além de observar que o progresso técnico interferiu diretamente no modo de vida dos grupos.

Nessa mesma direção, Rosendahl (2001 p. 39) afirma que *“o progresso material e técnico, além das mudanças espaciais em escala mundial promovidas pela globalização, terminaram por evidenciar a dimensão cultural”*.

Ainda de acordo com Rosendahl (2001 p. 39):

A transformação que começa a afetar os estudos culturais conduzidos pelos geógrafos brasileiros se dá a partir do início da década de 1970 e repousa sobre uma mudança completa de atitudes que nasceu da constatação de que as realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades, jamais são de natureza puramente material. Deve-se considerar também a expressão de processos cognitivos, de atitudes mentais, de trocas simbólicas, de informação e idéias. Pois as relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço tem uma dimensão psicológica e sócio-psicológica, nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas.

Nas novas perspectivas da Geografia Cultural cabe refletir sobre o espaço social, como a construção humana levando-se em consideração as características materiais, as interações, as representações e as organizações sociais, não como *“uma romantização culturalista de movimentos oposicionais, nem como um exercício na celebração da diversidade, mas sim como processos sociais reais, práticas de representações materiais”* (MITCHELL, 1996, p.30).

1.3.2 Referencial teórico-conceitual

O interesse sobre o uso das imagens dentro do processo de percepção e apreensão dos espaços urbanos no contexto da fenomenologia hermenêutica revela as relações socioespaciais simbólicas, fruto de uma interação dialética de produção, comunicação e recepção desenvolvidas pelo usuário urbano num determinado período histórico. Nesse sentido, Ferrara (1986, p. 122) salienta que *“na Cidade a relação histórica se dá com o presente, não com o passado e esse caráter determina a complexidade da relação entre história e uso urbano”*. Assim, o sentido e os significados da Cidade são atribuídos pelos seus usuários.

Dentro dessa perspectiva, a interpretação e a reflexão da pesquisa foram centradas nos conteúdos conceituais da fenomenologia, espaço urbano, linguagem, imagem, fotografia e paisagem urbana, entendida aqui como um texto cultural a ser lido. Para tanto, recorreremos aos autores que desenvolvem o tema do processo de urbanização, e que se ocuparam da imagem urbana como uma representação do seu objeto, qual seja a Cidade.

Nesse sentido, para discutir o uso das imagens na construção do conhecimento em geografia nos espaços de aprendizagem, buscou-se apoio teórico-conceitual nas obras de Aumont – **A imagem** (1993), na de Barthes (1981) – **A câmara clara**, na de Corrêa – **O espaço urbano** (2004), nas de Ferrara – **Estratégia dos signos** (1986) e **Olhar Periférico** (1993), na de Kossoy – **História e fotografia** (2001), na de Santaella e Nöth – **Imagem: cognição, semiótica, mídia** (1997), nas de Santos – **Técnica, espaço e tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional** (1994) e **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção** (2002) e na de Tuan – **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** (1980). (Figura 3)

De fato, o trabalho da pesquisa procurou realizar sempre através das elaborações conceituais sobre o espaço desenvolvido pelos autores acima citados, que muitas das vezes valoriza certos aspectos e encobrem outros. Essas questões enquanto registro do conhecimento foram utilizados nos espaços aprendentes - a sala de aula e os espaços intra-urbanos analisados pela pesquisa - buscando a

formulação de novas imagens sempre em tensão com os valores e conhecimentos, resultantes do seu cotidiano, que eram trazidos pelos participantes.

Assim, a discussão da *elaboração e uso das imagens na construção do conhecimento em geografia* torna-se objeto da pesquisa, quando ao confrontar os saberes dos aprendentes com os diferentes conceitos e noções que explicam as dinâmicas do espaço urbano, deixou evidenciado que o conceito de espaço e a imagem do espaço construído, sua representação, passam a ser entendidos com algo inerente à dimensão humana. Sempre se está envolvido com o mundo vivido, sempre se está imerso no espaço mesmo quando se procura superá-lo, seja como produto real, concreto, seja como produto da consciência.

Nesta pesquisa, utilizamos como estratégia básica para o seu desenvolvimento uma quantidade de autores que desenvolvem teoricamente os aspectos que abordam mais diretamente o objeto da pesquisa, qual seja a percepção ambiental do espaço urbano e a elaboração/utilização de imagens nas relações aprendentes. A partir dos conceitos estabelecidos pelos vários autores citados anteriormente, foram desenvolvidos uma série de exercícios de pesquisa relacionados à ciência geográfica.

1.3.2.1 Esboço teórico-conceitual

A Figura 3 representa os conceitos balizadores e os autores que permearam este trabalho.

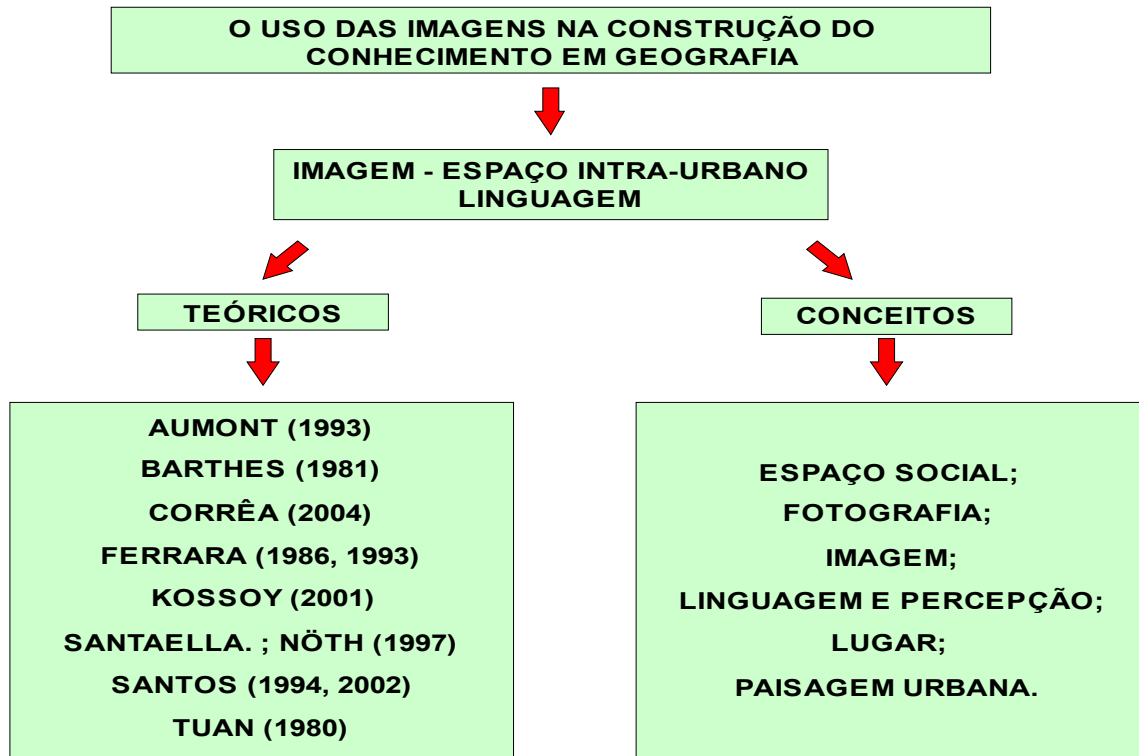


FIGURA 3 – Esboço teórico-conceitual

Fonte: Pesquisa do autor

Elaboração: SCHWARZELMULLER, 2007.

1.3.2.1 Espaço social

O espaço social é o objeto de estudo de vários ramos das Ciências Humanas, incluindo aí a Geografia. O espaço que é apreendido no conjunto de fatos, acontecimentos, paradoxos ou contradições que caracterizam a sua transformação no mundo moderno. Segundo Buttiner (1986, p. 68), o conceito de espaço social

[...] foi articulado e aplicado pela primeira vez na década de 1890 por Emille Durkheim, cuja abordagem do estudo era até certo ponto inovadora. [...] Sua definição do substrato social era do ambiente social, ou estrutura grupal, independente da composição física. Na análise do espaço social, a contribuição básica do geógrafo consistiria, sobretudo em mapear a distribuição de diversos grupos sociais (a morfologia social de Durkheim).

Atualmente, o espaço social é considerado sempre como construído e, mesmo em escala mundial, não podemos falar de um espaço natural diverso de um construído, isso porque há sempre uma intenção clara do ser humano, em relação ao espaço e que, num certo sentido, o confirma como um espaço construído.

Nessa perspectiva, Santos (2002, p. 105) salienta:

O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos. Sem dúvida, as formas são importantes. Essa materialidade sobrevive aos modos de produção que lhe deram origem ou aos momentos desses modos de produção.

Para Corrêa (1995, p. 20), o conceito de espaço aparece pela primeira vez na história do pensamento geográfico como um conceito-chave da disciplina como os trabalhos de Schaefer (1953), de Ullman (1954) e Watson (1955).

O caráter do espaço social na discussão marxista aparece nos trabalhos de Lefebvre (1974), Harvey (1974), Soja (1993) e Santos (1996). Nessa perspectiva, Bourdieu (1996, p. 18) analisa o espaço como resultado de posições sociais e afirma que:

O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são aí distribuídos em função da sua posição nas distribuições estatísticas de acordo como os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas são sem dúvida os mais eficientes – o capital econômico e o capital cultural.

Hoje a perspectiva da Geografia Humanística em suas abordagens culturalistas está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou universal, e ao invés da explicação tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real. Valorizam-se a paisagem e o lugar como conceitos centrais.

Nesta perspectiva, é valorizada a elaboração de mapas mentais na qual a percepção do espaço e a identificação dos sentidos são exercícios que permitem reconhecer e valorizar os aspectos de identificação com o lugar, como fragmento do espaço social.

1.3.2.2 Imagem

De acordo com Bueno (1996, p.352), o termo imagem refere-se a um

Substantivo feminino. Representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura, etc. pequena estampa que representa um assunto religioso; símbolo, figura, comparação, semelhança. Real (óptica) é aquela que se forma pela convergência de raios que passaram através de dispositivo formador de imagens e pode ser projetada. Virtual óptica; é aquela que resulta de raios divergentes não pode ser projetada e é simétrica em relação a um espelho plano.

É possível também entender as imagens como superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo, sua origem é fruto da capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação. Segundo Flusser (2002 p. 7-9),

A imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões [do espaço/tempo] em símbolos planos e de codificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens. [...] Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que elas eternalizem eventos; Elas substituem eventos por cenas. [...] imagens são mediações entre homem e mundo. O homem "existe", isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas ao fazê-lo, interpõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos.

Colocada a definição dessa forma, podemos perceber que o termo "imagem" encontra-se dividido em dois domínios diversificados da atividade humana que são: as imagens como representações visuais de algo externo no espaço tempo; e as imagens como representações mentais cuja natureza é totalmente imaterial, formada em nossas mentes, pela imaginação.

De acordo com Santaella e Noth (2005, p. 15),

os conceitos unificadores dos dois domínios da imagem são os conceitos de signo e de representação. É na definição desses dois conceitos de signo e de representação que reencontramos os dois domínios da imagem, a saber, o seu lado perceptível e o seu lado mental, unificados estes em algo terceiro, que é o signo ou representação.

O estudo das representações visuais e mentais é o tema de duas ciências vizinhas, a semiótica e a ciência cognitiva. Do ponto de vista desta pesquisa,

priorizaremos as representações visuais e dentre elas as imagens fotográficas do espaço urbano, reconhecendo suas qualidades sógnicas ao (re)presentar aspectos do mundo visível, o que coloca algumas questões inerentes à natureza do signo fotográfico que são analisados pela semiótica das imagens.

Dentre as várias questões presentes no signo fotográfico, aqui abordaremos os aspectos referentes à analogia entre imagem e realidade, as relações entre os códigos visuais e os códigos verbal-escrito e as questões relacionadas à leitura e interpretação dessas imagens como possibilidade de se construir conhecimento geográfico.

A combinação dessas três questões coloca o problema da percepção e da interpretação como faces de um mesmo processo; o da educação do olhar e a decifração de textos. A questão é existem regras de leitura dos textos visuais que são compartilhados pela comunidade de leitores?

Nesse sentido, Ciavata (2004, p.24) chama a atenção para a necessidade de existência de código que é compartilhado pelos indivíduos da comunidade leitora; para isso, é importante

[...] destacar que a compreensão dos textos visuais é tanto um ato conceitual – os níveis externo e interno encontram-se necessariamente em correspondência no processo de conhecimento, quanto um ato fundado numa pragmática, que pressupõe a aplicação de regras culturalmente aceitas como válidas e convencionizadas na dinâmica social.

1.3.2.3 Fotografia

De acordo com Bueno (1996, p.306), o termo imagem refere-se a um

Substantivo Feminino. Retrato processo ou arte de fixar numa chapa sensível por meio da luz, a imagem dos objetos colocados diante de uma câmara escura dotada de um dispositivo óptico; copiável; reprodução exata:

Dito de uma maneira muito simples, a fotografia é uma imagem produzida por aparelhos. Mas o que significam as fotografias? O que elas produzem exatamente?

Do ponto de vista da semiótica, a imagem fotográfica pertence à classe dos signos icônicos em função do alto grau de semelhança de alto grau de iconicidade.

Ao se referir ao signo fotográfico Peirce (2000, p. 246) o classifica em relação ao objeto (a secundidade do signo), por um lado, como um ícone; por outro, como índice. É assim que são as fotos

[...] de certo modo exatamente como os objetos que elas representam e, portanto icônicos. Por outro lado, ela mantém uma 'ligação física com o seu objeto, o que os torna indexicais, pois a imagem fotográfica é obrigada fisicamente a corresponder ponto por ponto à natureza.

Nessa mesma direção, Barthes (1984, p. 14-15) afirma que:

Tal foto, com efeito, jamais se distingue de seu referente (do que ela representa), ou pelo menos não se distingue de seu dele de imediato ou para todo mundo (o que é feito por qualquer outra imagem, sobrecarregada, desde o início e por estatuto, com o modo como o objeto é simulado): perceber o significante fotográfico não é impossível (isso é feito por profissionais), mas exige um ato segundo de saber ou de reflexão. [...] Diríamos que a fotografia sempre traz consigo seu referente [...] estão colocados um ao outro.

Esses aspectos também foram destacados por Sontag (2004, p.14-16) em seus ensaios sobre a fotografia, quando afirma que

[...] imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir. [...] Fotos fornecem um testemunho. [...] Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. Enquanto uma pintura, ainda que conforme aos padrões fotográficos da semelhança, nunca é mais do que a afirmação de uma interpretação, uma fotografia nunca é menos do que o registro de uma emanção (ondas de luz refletidas pelos objetos) um vestígio material daquilo que foi fotografado e que é inacessível a qualquer pintura.

Dessa forma, o que fica evidenciado nos autores citados acima diz respeito tanto à analogia (semelhança) quanto à mimese (imitação) do objeto realizada pela imagem fotográfica.

1.3.2.4 Linguagem e percepção

De acordo com Bueno (1996, p.397), o termo linguagem refere-se a um

Substantivo feminino. Utilização dos elementos de uma língua como meio de comunicação entre os homens, de acordo com as preferências de cada um, sem preocupação estética; qualquer meio de exprimir o que se sente ou pensa; estilo.

O mundo cultural, ao qual Merleau Ponty (1990, p. 92-93) se refere na sua concepção de fenomenologia, é marcado pela percepção na medida em que

Perceber é tornar algo presente a si com ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha. [...] perceber é envolver de um só golpe todo o futuro de experiências em um presente que a rigor nunca o garante, é crer em um mundo.

Nesse sentido, a percepção é responsável pela geração de informações e estímulos à consciência que tendem a ativar uma série de mecanismos e significações a partir do juízo perceptivo, sendo que este depende integralmente da consciência do receptor – aquele que percebe ativamente.

Nessa perspectiva, Del Rio (1996, p. 3), ao se referir à experiência da vida cotidiana como ato da percepção, afirma que *“a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e principalmente cognitivos”*.

Perceptos e juízos perceptivos são duas capacidades inerentes aos seres humanos que estabelecem experiências com o mundo vivido integralmente na consciência, o qual chamamos de processo perceptivo, estes como partes dos sistemas produtores da linguagem (Figura 4).

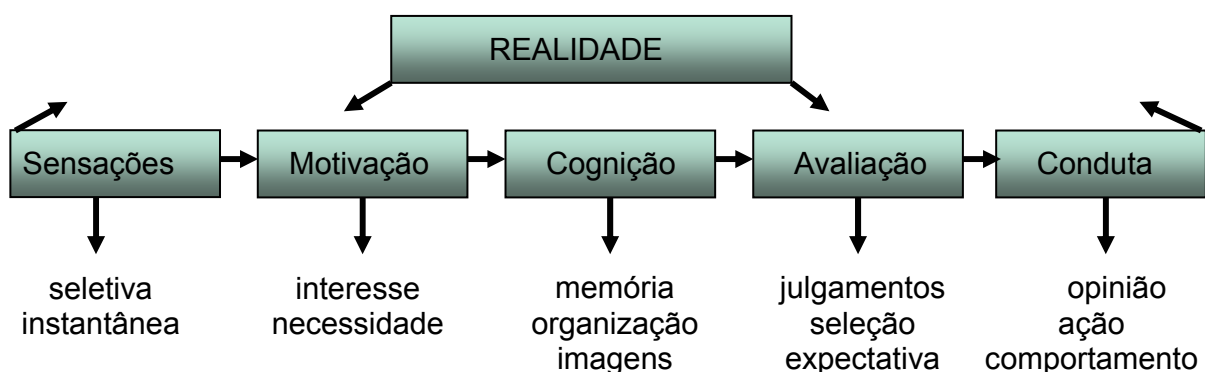


FIGURA 4 – Esquema teórico do processo perceptivo

Fonte: DEL RIO, Vicente. 1996, p. 3.

Elaboração: SCHWARZELMULLER, 2007.

De acordo com a Figura 4, podemos aceitar que o espaço no qual os sujeitos desenvolvem suas experiências cotidianas (realidade), é uma estrutura de linguagem que se manifesta através das suas representações não apenas visual, mas polissensorial. Dessa maneira, o conhecimento da realidade/mundo não é dado ao acesso imediatamente.

Para Morim (apud SPOSITO ,2004, p. 78), o conhecimento

Não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções celebrais com base em estímulos ou sinais captados pelos sentidos [...]. Sob a forma de palavra, de idéia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito a erro, que pode ser introduzido pela interpretação.

No que se refere às imagens visuais presentes no espaço, devemos concordar com Aumont (2005, p. 22) quando afirma:

[...] o essencial da percepção visual realiza-se depois, através de um processo de tratamento da informação (estímulos, sinais), como todos os processos cerebrais [...] e que, [...] a percepção visual é o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos. Como toda informação, esta é codificada – em um sentido que não é o da semiologia: os códigos são, aqui, regras de transformações naturais (nem arbitárias, nem convencionais) que determinam a atividade nervosa em função da informação contida na luz [...] e que a percepção de alguns afeta a percepção de outros.

Nessa mesma perspectiva, Francastel (1998, p. 53) afirma:

[...] qualquer percepção visual é uma percepção aberta polivalente. Cientificamente falando, está estabelecido que é completamente impossível registrar um ato de visão pura – qualquer visão ocular ou óptica é sempre uma visão diferencial combinatória [...] qualquer percepção é uma percepção ativa, ordenadora e que, portanto, mesmo ao nível menos elaborado os elementos já não são diferenciados, mas construídos não correspondendo apenas a um mecanismo de registro.

O que se encontra de acordo com as teorias cognitivistas ou construtivistas que reconhecem a importância dos esquemas perceptivos que são construídos a partir dos juízos perceptivos, elaborados pelo expectador ativo, quando colocados frente a qualquer imagem, como nos informa Aumont (2005, p. 91) referindo-se às contribuições de Gombrich sobre a ação da imagem frente ao expectador:

A teoria cognitivista, em quase todas as suas variantes atuais, pressupõem o construtivismo: toda percepção, todo julgamento, todo conhecimento, é

uma construção elaborada por meio da confrontação de hipóteses (estas fundadas em esquemas mentais, alguns inatos, outros provenientes da experiência) com os dados fornecidos pelos órgãos dos sentidos.

1.3.2.5 Lugar

De acordo com Bueno (1996, p. 403), o termo lugar refere-se a um “*substantivo masculino. Espaço ocupado; espaço; localidade; ponto de observação; conjunto dos pontos (do plano ou do espaço) que tem a mesma propriedade*”. Seguindo esta definição, não há limites bem definidos entre o espaço e o lugar.

Na perspectiva dessa pesquisa se faz-se necessária uma ampliação da compreensão das relações estabelecidas entre o espaço e o lugar na medida em que adotamos o aspecto do mundo vivido culturalmente como objeto de investigação marcado pela experiência cotidiana.

Segundo Relph (1979, p. 16),

Culturalmente, lugar talvez seja o mais fundamental dos dois fenômenos experienciados, porque focaliza espaço em torno das intenções e experiências humanas. Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido lugares que clamam nossas afeições e obrigações. [...] os lugares são existenciais e uma fonte de auto-conhecimento e de responsabilidade social.

No trecho citado acima, vê-se que as experiências e acontecimentos simples do cotidiano com o passar do tempo podem ir intensificando um “*sentimento profundo pelo lugar*”. (TUAN, 1983, p. 158). As experiências cinestésicas e perceptivas passam a ter uma grande importância na medida em que auxilia o indivíduo na sua capacidade de produzir informações em formas de conceitos sobre os lugares, para que daí possa ir conhecendo o espaço (indiferenciado), convivendo e estabelecendo relações que gradativamente o transformam em um lugar carregado de significados de identidades.

Para Duarte (2002, p. 73), o lugar ganha identidade.

Quando se experiencia um lugar, não se faz isso pela sua materialidade, e sim em um momento seguinte, de atribuições de significados a elementos e a sua ordenação, de modo a se configurar uma porção do espaço que contenha a base cultural e as expectativas de quem o considera como o seu lugar. É nele que a memória do passado e a expectativa do futuro encontram-se no presente.

Nesse sentido, o espaço é uma totalidade global e, sobretudo, homogênea e, aí, a informação se dissolve em complexos tão amplos que, frequentemente só se mantêm em nível teórico ou abstrato, ou seja, na hipótese de um contato direto com um espaço determinado, é possível deparar com uma informação que não se tinha notícia. São os usos e os hábitos que constituem a manifestação concreta do lugar urbano na medida em que o lugar é a manifestação concreta do espaço. Usos e hábitos reunidos constroem a imagem do lugar, mas sua característica de rotina cotidiana projeta sobre ela uma membrana de opacidade que impede a sua percepção, tornando o lugar tal como o espaço, homogêneo e ilegível, sem codificação.

Assim, as interpretações realizadas acerca do lugar experienciado a partir da percepção, podem contribuir para gerar conhecimento pela informação retida, codificada naqueles usos e hábitos. Percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação, a essa operação mental dá-se o nome de percepção ambiental.

1.3.1 O Estudo do meio: a educação do olhar

O *estudo do meio* constitui-se em uma das mais preciosas ferramentas dos geógrafos, devendo ser um recurso bastante utilizado e com efeitos muito positivos. Esta estratégia estimula a curiosidade, a observação e a busca do conhecimento científico.

A importância do *estudo do meio* na formação dos professores pesquisadores e no processo de construção do conhecimento da Geografia também é reconhecida por diversos autores, entre eles, Suertegaray (1996), Corrêa (1996), Pontuschka (1994) e Thomas Junior (1991).

Suertegaray (1996, p. 14) salienta que:

[...] enquanto geógrafos sabemos, por formação, da importância dessa atividade (trabalho de campo) no processo de construção da Geografia. Ao analisarmos a construção do conhecimento geográfico pode-se observar que esta atividade está inserida, ainda que de forma diferenciada nesse processo.

Nessa mesma perspectiva, Corrêa (1996, p. 25) evidencia através dos estudos de Chorlley que

[...] nada vale mais para a formação do geógrafo que o contato com a realidade através, em parte dos trabalhos de campo, tanto como finalidade pedagógica como visando à pesquisa. Em realidade o trabalho de campo constitui-se em uma tradição cuja importância é reconhecida por todos e, muito especialmente por aqueles que têm na paisagem natural ou cultural a objetivação da Geografia.

Assim, concordando com os autores citados, o *estudo do meio* permite o contato direto com o objeto de estudo e tem por objetivo desafiar os participantes do processo aprendente a construir uma experiência de produção de pesquisa/conhecimento a partir do contato direto com o objeto o que possibilita identificar as suas contradições e (re)conhecer os descompassos que fragmentam a área de pesquisa além, de reconhecer as características dos seus lugares. Suas Geografias.

Dentro dessa perspectiva e segundo Pontuschka (1983, p.75) “[...] alunos e professores são colocados em uma situação de pesquisa e juntos analisam o espaço humanizado e problematizam situações em busca de respostas”. Portanto, alunos e professores juntos produzem informações sobre o urbano e a cidade que são centrais para a construção do conhecimento geográfico.

Como nos indica Andrade (2005, p. 114),

Olhar para o mundo é uma condição; compreendê-lo por meio desse olhar é uma busca eterna, instigante e fascinante. Fascinante porque é pela contemplação da beleza do mundo que nos encantamos e nos apaixonamos. Instigante porque a vontade de mergulhar em seu desconhecido pode nos levar ao diferente e transformar o que estamos viciados a enxergar.

Tomada a questão dessa maneira, o espaço urbano como espaço de aprendizagem, exige o aprender a ver e a observar na medida em que o olhar sendo uma condição natural dos indivíduos humanos, nos deixa viciados na qual aparentemente tudo é muito natural, muito normal e homogêneo. Nessa mesma direção, compreender as coisas do mundo requer um processo de intelecção que se inicia com a percepção, através do olho evoluindo em direção da elaboração de um juízo perceptivo, que é parte da interpretação que realizamos da coisa “olhada”, observada.

Dito de outra forma, observar o espaço urbano é realizar uma experiência aprendente que se inicia com a educação do olhar para, a partir daí, elaborar a sua compreensão e interpretação da realidade presente no espaço social como um todo.

Há, como consequência, a construção de novas significações no interior da consciência que passam a ter vida própria e que no exercício de representação visual do espaço possibilita a relativização dos conceitos preestabelecidos frente à realidade. Esta parece ser a conclusão que podemos realizar a partir de Arendt *apud* Andrade (2005, p. 52), ao reconhecer a importância da interpretação e compreensão da realidade do espaço social.

Afinal os homens são do mundo e estão com todas as coisas nesse mundo e essas coisas são próprias para ser cheiradas, tocadas e vistas. [...] ser e aparecer coincidem, os seres vivos são sujeitos e objetos – percebendo e sendo percebido – ao mesmo tempo. Para detectar o aparente apenas olhamos e exatamente nesse ponto nos enganamos: onde está o ser?

O *estudo do meio* é também o momento adequado para o confronto dos dados imediatos observados no local da pesquisa com os elementos recolhidos nos relatórios e dados estatísticos oficiais, bem como no conceitual teórico desenvolvido pelas disciplinas acadêmicas, além das informações elaboradas pelos pesquisadores quando da contextualização que é uma das etapas importantes estabelecidas pelo procedimento metodológico de ensino e pesquisa, como afirma Ferrara (1993, p. 155).

O contexto é uma estrutura pouco explícita, a contextualização é uma atividade estrutural e uma exigência metodológica. Num primeiro caso supõem uma lógica que organiza as variáveis que interfere em um contexto a ponto de torná-lo específico e produzir um lugar informado; no segundo caso é necessário apreender o mundo como se articula aquelas variáveis a ponto de permitir o aparecimento de usos e hábitos que dão ao lugar sua imagem característica. Esta tarefa é executada pela contextualização que se projeta como uma exigência metodológica para que a análise se faça rigorosamente fiel e colada à realidade concreta do espaço.

Enfim, o *estudo do meio*, o *ir para ver* a realidade externa é o momento em que alunos e professores interagem de forma interdisciplinar na medida em que realizam inferências por assimilação e por contigüidade (PEIRCE, 1974) sobre a concepção abstrata do espaço presente no conceitual da ciência geográfica e dos

dados quantitativos que foram coletados nos relatórios oficiais. Estes são colocados frente aos dados perceptivos extraídos da experiência cotidiana.

O espaço abstrato e homogêneo, uma vez informado pelos saberes produzidos através da percepção e pelas novas inferências, torna-se lugar, local de fonte de informação e de prazer. É no lugar que passamos a reconhecer o espaço social como espaço construído, feito pelo homem e que através dele comunicam as suas intenções e os significados humanos condicionados pela forma de produzir a materialidade do mundo, ou seja, mediante do desenvolvimento, os usos e hábitos que criam no lugar sua imagem característica.

2 O Subúrbio Ferroviário: método da contextualização, a imagem como idéia.

Toda representação é relacionada por seu expectador – ou melhor, por seus expectadores históricos e sucessivos – a enunciados ideológicos, culturais, em todo caso simbólicos, sem os quais ela não tem sentido. Esses enunciados podem ser totalmente implícitos, jamais formulados: nem por isso são menos formuláveis verbalmente, e o problema do sentido da imagem é, pois da relação entre imagem e palavras, entre imagem e linguagem.

Jacques Aumont.

Para a realização do *estudo do meio*, estabelecemos, junto ao grupo de 50 aprendentes da disciplina de Humanidades do Curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade Jorge Amado, o *Subúrbio Ferroviário* de Salvador como o espaço de aprendizagem em que seriam desenvolvidas atividades que ajudassem a identificação da percepção ambiental urbana e à elaboração da imagem da cidade, a fim de superar a concepção abstrata do espaço social presente no conceitual da disciplina geográfica.

O *Subúrbio Ferroviário* da Cidade de Salvador, como toda periferia¹ das grandes cidades brasileiras, caracteriza-se espacialmente como área de carência de infra-estrutura de deficiências de equipamentos e serviços sociais, além de ser marcada por um elevado crescimento demográfico que no geral é acompanhado pela falta de políticas públicas direcionadas à solucionar os problemas vinculados a essas questões.

Essa imagem como idéia sobre as periferias brasileiras encontra-se diretamente vinculada tradicionalmente como sendo uma área de características homogêneas pelo planejamento urbano, localizada longe do centro da Cidade e que são postuladas pelo planejamento e disseminada a partir dos espaços de ensino-aprendizagem. Nesse sentido e concordando com Ferrara (1993), a imagem da

¹ As noções de centro e periferia interessam para a pesquisa por ressaltar o fluxo social da cidade. O centro alude ao que é cêntrico e focal ponto de vista ou de uso, com base no qual o que o rodeia, em maior ou em menor distância, chamar-se-á periférico. Segundo Serpa (2001, p. 15) “As periferias das grandes cidades brasileiras são, via de regra, o lugar de residência da população de ‘baixa renda’. Diferencia-se do resto da cidade pela precariedade da configuração espacial”. O periférico alude ao que margeia o centro. O que nos importa destacar é que centro e periferia estão em constante deslocamento.

cidade não é algo espontâneo, mas ao contrário, é construída de forma coercitiva e autoritária, como imagem codificada que opera como uma norma, lei ou símbolo de como a Cidade deve ser vista e atua como signo, suporte da noção urbana que se quer transmitir através da sua **visibilidade, legibilidade e funcionalidade**.

Entre os vários autores (LYNCH, 1980; TUAN, 1980; HALL, 1990; FERRARA 1993) que analisaram as questões referentes à elaboração da imagem da cidade e a sua representação, como tema da urbanização há certo consenso de que, a compreensão do fenômeno urbano encontra-se ligado fortemente, aos três aspectos combinados, na medida em que encontram-se colados ao seu referente, a cidade. Dito de uma outra maneira, são antes de tudo as qualidades concretas dos elementos que constituem os lugares, contribuindo dessa maneira para a elaboração da imagem da cidade.

Nesse sentido, a combinação dos três aspectos deve auxiliar na construção de uma imagem da cidade repleta de significações que são elaboradas pelos sujeitos da pesquisa como parte da aprendizagem; sobre/ no ambiente urbano visitado durante o estudo do meio.

No que se refere à visibilidade, a imagem mental que gravamos da Cidade concentra-se no requisito básico: a sua qualidade visual e que parece ser a matriz analítica para a compreensão da realidade do fenômeno urbano. Essas observações em relação ao *Subúrbio Ferroviário*, em certa medida estão de acordo com o que é postulado pelo planejamento urbano.

Quanto à legibilidade, isto é, quanto à capacidade que o usuário² possui de ler e construir a imagem da cidade dependendo diretamente da seletividade visual que a recorta e a fragmenta em unidades menores, no sentido de facilitar o reconhecimento de pontos significativos do ambiente urbano. Essa seletividade é resultado da ideologia da produção do ambiente urbano. Assim, os espaços vão sendo impregnados de objetos, signos e símbolos ordenados segundo determinadas

² Usuário nesta pesquisa é utilizado no sentido que Lefebvre (1986) atribuiu ao termo *usager*. Para Carlos (2001), a tradução mais correta do termo *usager* seria de usador, por ter um sentido mais amplo do termo, mostrando um a relação espacial mais ligada ao valor de uso; enquanto o termo usuário seria uma noção mais estrita ao valor de troca no espaço.

lógicas que serão responsáveis em certa medida, pela capacidade de apreensão e compreensão realizadas pelos usuários.

E por fim a imagem vai sendo construída visando certa funcionalidade, cujo objetivo principal é o de estabelecer as referências que marcam os usuários na medida em que os orientam a se locomoverem nos seus ambientes urbanos, contribuindo assim para o consumo da Cidade como objeto, de maneira ordenada e intencional.

Nesse sentido, a combinação dos três aspectos deve auxiliar na construção de uma imagem da cidade repleta de significações que são elaboradas pelos sujeitos da pesquisa como parte da aprendizagem; sobre/no ambiente urbano visitado durante o *estudo do meio*.

Pensando assim, a pesquisa se desenvolveu a partir da tensão estabelecida entre a imagem construída pelos aprendentes frente àquelas que foram produzidas da própria realidade urbana, vivenciadas através do registro fotográfico, no *estudo do meio* e que posteriormente foram confrontadas no momento da elaboração do conceito estabelecido pela ciência geográfica como parte do processo aprendente conseqüente.

2.1 A contextualização

No contexto da pesquisa, estabelecemos que o *estudo do meio* seria uma das etapas do procedimento, no qual o olhar atento do aprendente deveria identificar e registrar, fotograficamente, os índices presentes no ambiente de sala de aula; relacionados aos temas geradores propostos pela pesquisa: os aspectos ambientais e a cidade, e as características socioespaciais.

Metodologicamente, o *estudo do meio* foi imaginado para se desenvolver em três etapas - a contextualização do local, o ir para ver e a elaboração/ produção das imagens - deveriam potencializar a pesquisa sobre a representação do espaço pela ciência geográfica.

Nessa perspectiva metodológica, Ferrara (1993, p. 23) salienta que a contextualização é a atividade central de todo trabalho de pesquisa em percepção ambiental.

A caracterização contextual dos locais é indispensável para a pesquisa desse tipo e constitui o primeiro trabalho a ser realizado atendendo às necessidades metodológicas propostas, ou seja, somar ou contrapor às informações secundárias colhidas em arquivos, jornais, revistas, relatórios, censos, tabelas estatísticas ou levantamentos vários, os aspectos da realidade flagrados da observação atenta do pesquisador para isso preparado: o método do ir para ver.

Como acontece em todo tipo de investigação científica, o primeiro passo a ser dado é a tentativa de delimitação do seu objeto. Problema no marco espaço-temporal mais ou menos bem definido, e para isso o observador recorre a um referencial teórico-metodológico que lhe auxilie nessa operação.

A opção espacial assumida pela pesquisa para o *estudo do meio* foi o *Subúrbio Ferroviário* de Salvador, entendido como fragmento do espaço urbano, mas como uma unidade que é parte de uma totalidade socioespacial que, de alguma maneira, a determina a partir de um processo dialético de construção da realidade, o que significa dizer que devemos estudar a área do *Subúrbio Ferroviário* em sua singularidade, sem, no entanto perder de vista as suas vinculações com o sistema espacial mais amplo.

Colocada a questão dessa maneira, seguimos a orientação metodológica que tem na contextualização espacial uma de suas exigências para que a pesquisa se desenvolva de forma rigorosa e ancorada na realidade concreta do espaço. Essa contextualização possui na sua caracterização fisiográfica e na transformação de sua aparência (imagem da cidade), dois de seus aspectos e que devem ser levados em consideração ao longo de toda a pesquisa como sendo a linguagem da cidade.

2.1.1 Delimitação geográfica e os aspectos fisiográficos

A área de estudo, conhecida por *Subúrbio Ferroviário* de Salvador, é uma Região Administrativa (RA)³, localizada na região voltada para o interior da Baía de Todos os Santos e encontra-se situada a noroeste da Cidade de Salvador, limitando-

³ Subdivisão do território do Município para fins administrativos, de planejamento e de informação. Em Salvador existem 18 (dezoito) Regiões Administrativas (RA's) de acordo com a Lei 6.586/2004.

se a leste com a RA de Valéria, a Norte com o município de Simões Filho e a Baía de Aratú, ao sul com as RA de São Caetano e Itapagipe, e a oeste com a orla da Baía de Todos os Santos, com uma área aproximada de 4.214,00 ha, constituída por cerca de 20 bairros populares e uma população estimada de 260 mil habitantes, com densidade demográfica de 62,23 hab/ha e com uma Taxa de Crescimento Geométrico (TCG) na ordem de 2,1 para o período de 1991-2000, conforme o último Censo demográfico 2000, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Tabela 1).

TABELA 1
População residente, Taxa de Crescimento Médio Anual, Densidade Populacional e Número de Domicílios – Região Administrativa XVIII – Subúrbio Ferroviário e Salvador – (1991-2000)

NOMES	Área (ha)	População ano		TCG %	Densidade hab/ha		Nº de Domicílios	
		1991	2000	1991/2000	1991	2000	1991	2000
Subúrbio Ferroviário	4.214,00	232.553	262.219	2,1	51,63	62,23	47.502	65.907
Salvador	32.450,00	2.075.273	2.443.107	1,8	63,95	75,29	488.144	658.222

Fonte: IBGE – Censos Demográficos – 1991 e 2000.

Elaboração: SCHWARZELMULLER, 2007.

Ao observar a Tabela 1, pode-se dizer que o Subúrbio Ferroviário possui um expressivo contingente populacional com uma TCG no período evidenciado maior do que o índice apresentado pelo município de Salvador. Essas taxas de crescimento elevadas e de densidades populacionais são características de áreas de população de baixa renda que estão normalmente submetidas a precárias condições de vida, que enfrentam graves problemas resultantes da carência de infra-estrutura e do descaso dos poderes públicos, conforme salientam Pereira e Souza (2006, p. 139):

[...] o Subúrbio Ferroviário, área que se desenvolveu a partir dos anos 40, com a localização de loteamentos populares, e, hoje, é marcada por habitações precárias e pela deficiência de equipamentos, serviços e infra-estrutura.

Geomorfologicamente, a área se caracteriza por apresentar uma variação maior do seu relevo, formado por ondulações em formas de colinas convexas e eventualmente de feições tabulares, desenvolvidos sobre um conjunto de rochas arenosas, argilosas e conglomerados formados nos períodos geológicos, Jurássico e Cretáceo. (RADAMBRASIL, 1981). Entre as colinas com declividades que variam de

5 a 30% de inclinação, encontramos áreas intercaladas em estreitas e planas nas quais correm os cursos d'água. Os fundos de vales são geralmente convexizados e as vertentes assumem características côncavas, esses aspectos são fundamentais para compreender os obstáculos encontrados para a sua ocupação, o que ocorre quase sempre, sendo realizada por sub-habitações que se encontram submetidas a constantes riscos de deslizamentos e alagamentos.

2.1.2 Evolução socioespacial

A ocupação inicial do *Subúrbio Ferroviário* está ligada à implantação da linha férrea no meado do século XIX, que corta longitudinalmente a área em direção ao noroeste e que se encontra assentada sobre uma estreita faixa de terra plana situada entre a linha da praia e a escarpa da linha de falha geológica da região de Salvador (Figura 5).



FIGURA 5 – FOTOGRAFIA AÉREA – SUBÚRBIO FERROVIÁRIO

Fonte: Conder, 2002.

Adaptação: SCHWARZELMULLER, 2007.

Segundo Silva e Silva (1992, p. 70), o rápido crescimento demográfico do Subúrbio Ferroviário encontra-se relacionado ao alargamento do quadro urbano da capital no contexto de evolução econômica, no início do século XIX, na qual o capital industrial utiliza a linha férrea como dinamizador da economia produtiva.

Nesse contexto de evolução, o empresário industrial se aproveita da via férrea e da população já existente na Península Itapagipana e instala a indústria têxtil, como é o caso da fábrica de tecido São Brás, localizada em Plataforma. A presença da indústria próxima à linha férrea possibilitava a diminuição dos custos de produção, tendo em vista que o transporte era barato e a mão-de-obra, era abundante. Surge assim uma área industrial constituída de lugar de produção e lugar de residência. Esses fatores aliados à presença de oficinas e fábricas da Leste e das antigas fazendas já existentes na área suburbana, foram os principais elementos que se articularam para delinear, a partir do século passado, os núcleos que hoje representam os bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

O processo de evolução e consolidação do *Subúrbio Ferroviário* caracteriza-se por uma ocupação horizontal fragmentada, que sofreu intenso crescimento demográfico desde a década de 1940 e, conseqüentemente marcada por habitações precárias e autoconstruídas e sem acompanhamento das infra-estruturas e serviços urbanos necessários ao desenvolvimento socioespacial que garantisse a qualidade de vida da população dos bairros.

De acordo com Soares (2006, p. 18), a evolução socioespacial recente dos subúrbios ferroviários não levou em consideração as dificuldades impostas pelas condições do relevo.

O relevo acidentado da área suburbana não se configurava como um obstáculo para os que precisavam morar, morros, encostas, tabuleiros e até mesmo o mar da baía de Todos os Santos, começou a ser ocupado pela população de baixa renda. Em meio a este acelerado crescimento urbano, surgem inúmeras ocupações irregulares e focos de resistências culturais, entre estas o Bairro de Plataforma, que em proporções menores já estava presente no contexto suburbano desde o final do século XIX, habitado inicialmente por imigrantes do interior do estado; e, anos depois o aglomerado de palafitas, inicialmente Alagados e depois Novos Alagados – uma área, que mesmo intervencionada por políticas de urbanismo, guarda história e memória. Territórios de manifestações culturais, no qual se assenta a história e a identidade social de suas comunidades, com seus conflitos e limites de influência.

Nesse contexto aliado ao crescimento e adensamento do espaço, concentrando a população, os equipamentos comerciais e a sua infra-estrutura crescem dia-a-dia os problemas relacionados à ausência do saneamento básico, às dificuldades com educação e saúde, às carências com a ausência da falta de

empregos e o que torna patente a segmentação e a segregação social existentes no Subúrbio Ferroviário.

A partir de 1970, a abertura da Avenida Suburbana, fazendo a ligação entre os bairros dos subúrbios ferroviários com as demais regiões da Cidade de Salvador, possibilita o deslocamento das pessoas e mercadorias com uma maior acessibilidade e o acréscimo de novos serviços e novos fluxos imigratórios para essa região.

Durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, o *Subúrbio Ferroviário* continuou com forte taxa de crescimento demográfico aliado à intervenção dos agentes imobiliários e do Estado que juntos promoveram a implantação de grandes conjuntos habitacionais, destinados à população de baixa renda. Essas intervenções materializadas no espaço suburbano contribuíram para alteração morfológica da área de forma significativa pelo fato de, estimular a criação de novos circuitos comerciais, fragmentando internamente as suas áreas.

Para a área do *Subúrbio Ferroviário* também foram destinadas intervenções urbanísticas com o objetivo de receber os fluxos populacionais advindos das invasões que se encontravam nas áreas centrais da Cidade, supervalorizadas pela especulação imobiliária, a exemplo do Loteamento Fazenda Coutos, criado durante a década de 1980 com o objetivo de favorecer a implantação de novas moradias para a população da antiga “Invasão das Malvinas”, hoje Bairro da Paz, localizada na região da Avenida Paralela, atual vetor de expansão e modernização da cidade.

2.2. A idéia como imagem - olhar de fora (pré-concepção)

Pesquisas desenvolvidas junto a diferentes grupos sociais em torno da percepção espacial, inserida na abordagem da Geografia Humanística, numa perspectiva fenomenológica, tem mostrado como a compreensão da realidade é também composta por desejos, sensações e sentimentos, em relação ao mundo vivido através das suas representações, e que podem ser sistematicamente utilizadas para esclarecer algumas ações e comportamentos no espaço urbano e, portanto, redirecionar os processos de ensino e aprendizagem.

Mas por onde deve começar uma pesquisa em percepção ambiental como etapa do processo aprendente em Geografia? Qual a imagem primeira que devemos elaborar já que, a percepção é antes de tudo um ato de ver – construir imagens? O que acontece com o espaço geográfico, conceito-chave da ciência quando tomado como estrutura de linguagem?

De acordo com Ferrara (1993, p. 106),

Admite-se, pois, que o espaço urbano é uma estrutura de linguagem que se manifesta através de sua representação, não apenas visual, mas pole sensorial: olfativa, sonora, tátil, cinética. Porém, o elemento que produz e aciona essa representação é o usuário, que através do uso urbano, transforma a cidade.

Dessa forma, procuramos analisar o que ocorre com o ensino da Geografia quando somos provocados para elaborar imagens e percepções sobre a cidade, isto porque, ao abordarmos o conceito de espaço urbano na perspectiva de espaço vivido como sugere Tuan (1983), passamos a dar ênfase, junto ao grupo, na construção do sentido pela experiência, uso, pois é dessa maneira que o espaço se funde com o lugar, ainda que o espaço seja mais abstrato que o lugar, na forma própria da dialética.

Neste contexto, assumimos o lugar como cenário no qual se desenrolam as experiências objetivas individuais e intersubjetivas que contribuem para a construção de nossas imagens sobre a natureza e tudo que o homem constrói além da nossa própria imagem. Essas experiências (de usos dos conceitos e imagem) diárias vêm compor o quadro individual elaborado sobre a realidade, no qual todos somos artistas produtores de paisagens filtradas pelas lentes da cultura que estamos imersos, construindo uma visão de mundo de acordo com as nossas percepções e desejos.

Nessa perspectiva, partir da elaboração de uma imagem primeira verbal-escrita acompanhada de uma figurativa como etapa metodológica, procuramos (re)conhecer o grau de compreensão que temos do conteúdo conceitual disciplinar, as relações que cada indivíduo aprendente tem, ou pode vir a ter, com o lugar da pesquisa, além das inspirações e desejos presentes nos seus sistemas de valores, suas visões de mundo relacionadas ao objeto da pesquisa, o Subúrbio Ferroviário.

Como suporte para a discussão da elaboração conceitual, foram utilizadas as idéias/imagens dos atores aprendentes contidas nos seus textos verbal-escritos acompanhadas dos mapas (desenho mental) que foram desenvolvidos durante o trabalho realizado na sala de aula da Faculdade Jorge Amado, com o objetivo de identificar na representação imagética o conteúdo não apenas de uma expectativa inerente à expressão concreta do espaço urbano – infra-estrutura, padrão de habitação, aspectos do sistema viário e degradação socioespacial - presentes no Subúrbio Ferroviário, também os aspectos relacionados a uma estética de vida ideologicamente dominante, num particular contexto socioespacial, característico de um tempo próprio das áreas periféricas.

No exercício da construção da idéia/imagem elaborada pelos atores do processo aprendente, inicialmente, procuramos identificar quais eram as representações que estes possuíam em relação à área a ser pesquisada como primeiro passo da estratégia metodológica, considerando que imagem, percepção e conhecimento são elementos que organizam a identificação da realidade. Nesse sentido, a leitura das imagens construídas dos lugares, através das experiências e dos exercícios desenvolvidos durante a pesquisa, tende à valorização do homem como sujeito ao identificar um certo padrão de experiência em relação ao espaço e às formas de comportamento humano, como práticas sociais estabelecidas no próprio lugar.

Dentro dessa perspectiva, passaremos a analisar algumas imagens como idéias que foram preconcebidas pelos aprendentes, todos não moradores do *Subúrbio Ferroviário*. Os olhares de fora.

Nessa direção, concordamos com Aumont (1993, p. 249), que “[...] o problema é, pois comparar a maneira como imagens e linguagem veiculam as informações e como são respectivamente compreendidas” sobre uma determinada realidade.

2.2.1 Os olhares de fora

Como parte da estratégia metodológica, propusemos aos aprendentes que realizassem uma idéia/ conceito sobre o subúrbio ferroviário e posteriormente a transformassem em imagem, por entendermos que a linguagem escrita é insuficiente para construir e transmitir significações ou como bem afirmou Flusser (2002, p. 8-9), que

[...] Imagem são códigos que traduzem eventos em situações processos em eventos. [...] Os conceitos não significam fenômenos, significam idéias. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem.

Com isso, podemos ter em mente que a imagem tem dimensão simbólica tão importante porque é capaz de significar – mas sempre em relação à linguagem verbal. Convém notar que aqui nos opomos, implicitamente, a certas filosofias analíticas da imagem que a consideram um meio direto de expressão/interpretação do mundo, em concorrência com a linguagem, sem ter que passar por ela, dispensando-a.

Nessa perspectiva, a elaboração/produção dos textos figurativos e (re)presentam um fragmento do real imaginado e que evidenciam intenções explícitas e ocultas dos aprendentes em relação ao espaço social. Construídas no processo educativo, imagem e conceito se confundem ou se complementam na imaginação como produto da intelectual, e passam a ser entendidas nessa pesquisa como *mapas mentais*.

Assim, os *mapas mentais* passam a ser compreendidos como sendo imagens espaciais construídas pelas pessoas, a partir dos seus universos simbólicos e que representam não só os lugares vividos, mas, também, os lugares distantes.

São estes olhares de fora, representados nos mapas mentais, que adquirem valor informacional para a pesquisa, pois representam o modo e o objeto percebidos, a realidade espacial, elaborados pelos aprendentes inseridos no processo aprendente.

Nesse sentido, a questão que se coloca para a pesquisa é a de identificar a natureza das informações presentes nos textos e as relações que estas estabelecem

com a realidade. Dita de uma outra forma mais direta, a questão é saber o que significam estes mapas mentais e quais as relações que os contextos não - verbais estabelecem com os verbais-escritos.

2.2.1 Leitura/interpretação das imagens/idéia

A questão da leitura/interpretação dos mapas mentais insere-se na discussão sobre o conceito de intertextualidade, que pressupõe a existência de um diálogo entre textos, compondo assim uma rede de significados culturais. O que significa dizer que a leitura/interpretação proposta pela pesquisa desenvolve uma dupla linha de investigação; a primeira que se refere à relação existente entre o texto não - verbal e o texto verbal – escrito, e a segunda linha que sugere os níveis de interpretação propostos por Francastel (1998, p. 59) ao se referir à percepção da imagem figurativa.

[...] parece-me importante observar que o jogo combinatório sobre o qual assenta a percepção da imagem implica a existência de 3 níveis: o nível da realidade sensível que transmite os estímulos; o nível do percebido, isto é, daquilo que os nossos sentidos nos permitem captar; e o nível do imaginário, ou seja, da atividade mental de cada um de nós. A imagem está no imaginário, o que pode parecer uma tautologia, mas de fato não é, se tivermos em conta o grande número de erros cometidos a esse respeito [...] em certa medida, imaginá-lo é inventá-lo.

A partir das orientações metodológicas para leitura/interpretação das imagens, salientadas anteriormente, tomamos como base de análise as Figuras 6, 7, 8 e 9 que representam as imagens/idéias elaboradas pelos aprendentes sobre o *Subúrbio Ferroviário* durante o procedimento da contextualização da área realizada simultaneamente ao *estudo do meio*, cujo objetivo foi estabelecer uma idéia/noção do que seja este *Subúrbio* frente aos conceitos de centro-periferia discutidos em sala de aula.



FIGURA 6 – Imagem/ídeia do Subúrbio Ferroviário
Aprendente: Patrícia Campos Xavier, 2007.

A partir dessa visão, minha idéia sobre o subúrbio é a de um lugar desorganizado estruturalmente em sua maior parte, mesmo que haja planejamento em alguns pontos. O próprio termo “subúrbio” traz uma idéia de exclusão, pobreza, jogada à margem. Uma idéia de que é um lugar onde quem não tem como morar em lugar melhor, se dirige para lá.



FIGURA 7- imagem/ídeia do Subúrbio Ferroviário
Aprendente: Rodrigo Moate

Localizado a norte e noroeste do Miolo da Cidade de Salvador, o Subúrbio Ferroviário abriga grande parcela de sujeitos com pouco poder aquisitivo. Como a sua própria epistemologia denuncia, o Subúrbio Ferroviário caracteriza-se inicialmente por estar distante do centro da cidade e por possuir uma malha ferroviária que atende a sua população.

Talvez a falta de uma política de educação, no sentido de formar o sujeito cidadão e de lhe proporcionar perspectivas de uma vida “melhor”, condenou esta localidade a aceitar a condição desigual da lógica do capital.

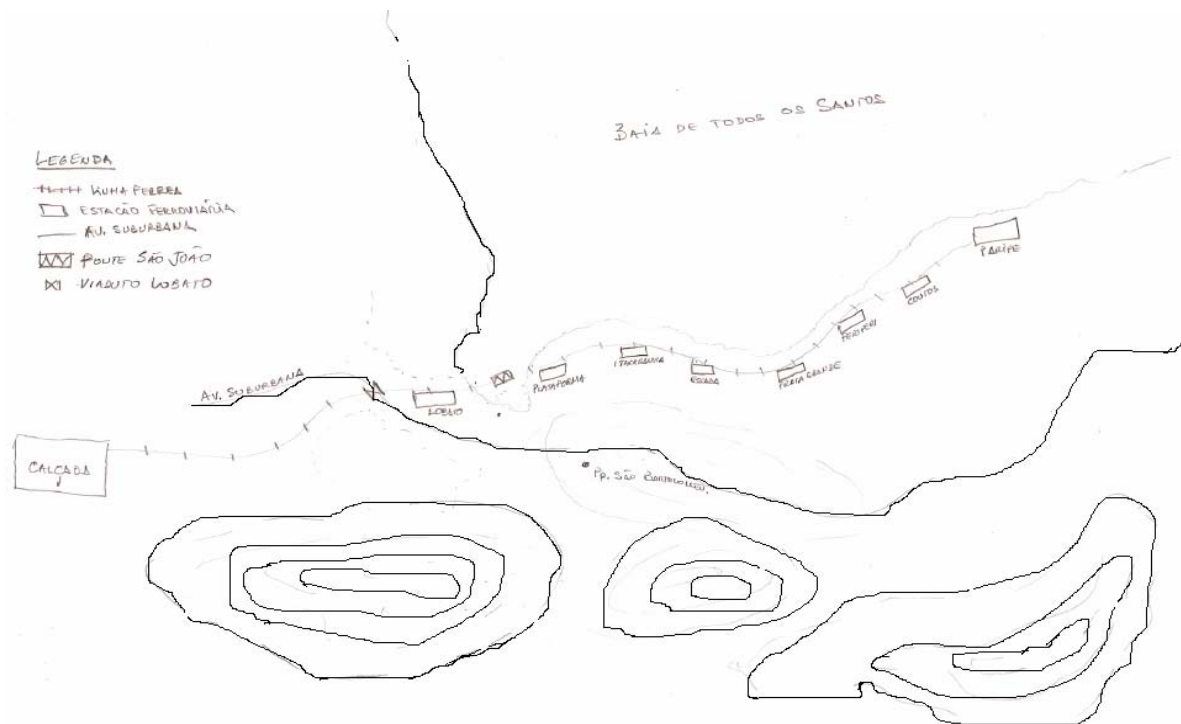


FIGURA 8 – Imagem/Idéia do Subúrbio Ferroviário

Aprendente: Rita de Cássia

O Subúrbio Ferroviário indo do Lobato até São Tomé de Paripe é cortado pela linha férrea e a Avenida Afrânio Peixoto, porém a linha férrea inicia-se na Calçada chegando até Paripe.[...] Na dimensão étnica, o grupo étnico predominante são de negros e afrodescendentes. Classe social média baixa, muitas pessoas desempregadas, [...] porém não querem sair de lá, têm um sentimento para com o lugar, procuram melhorias.



FIGURA 9 - Imagem/idéia do Subúrbio Ferroviário

Aprendente: Maílson Ferreira

Quando penso no Subúrbio penso na palavra subúrbio e o que vem a mente é algo pejorativo, embora não conheça o significado. Imagino o subúrbio como sendo parte desigual e avessa ao centro, algo marginalizado [...]. Será algo histórico? Concluindo, defino mentalmente o Subúrbio como algo bicolor, lugares claros e escuros, mais que em si não é digno de comparação.

Ao observar as imagens/idéias dos aprendentes, podemos realizar algumas inferências sobre os estágios cognitivos da aprendizagem mediante a leitura/interpretação das representações do espaço social presentes nos textos figurativos e verbal-escrito.

Ao nível da *realidade sensível* dos mapas mentais confrontados com os textos verbal-escritos, percebe-se que nas Figuras 6 e 9, os aprendentes trazem a noção de periferia como algo “desorganizado estruturalmente”, que é representado por um amontoado de casinhas; enquanto que nas Figuras 7 e 8, essa noção é representada através da sua localização geográfica frente à região central da Cidade e, portanto, periferia é algo que se encontra distante do centro urbano.

No que se refere ao *nível do percebido*, os mapas mentais sugerem a elaboração de outras idéias sobre a área do *Subúrbio Ferroviário* como local de segregação socioespacial, no qual há predominância de “classe social média e baixa” ou como sendo “um lugar onde quem não tem como morar em lugar melhor se dirige para lá” ou até mesmo como um local de “condição desigual da lógica do capital”.

É sugestivo observar, ainda os aspectos relacionados à morfologia urbana representados nos mapas mentais das Figuras 6 e 9, no qual as estruturas do relevo são representadas por “morros e colinas” que se condicionam à forma e à qualidade das ocupações tidas como subabitações próprias das áreas periféricas.

No que se refere ao nível do imaginário, podemos elaborar diversas inferências a respeito do lugar representado. Os aprendentes procuram não apenas representar as áreas estudadas, mas fazer coincidir com o conceito apreendido e, para isso, estimula a seleção de elementos presentes no seu repertório – elementos imagéticos – que potencializem a estrutura da sua narrativa, seja ela verbal ou figurada.

No âmbito do estudo proposto nesta pesquisa, as imagens/idéias apontam para uma definição da periferia urbana de acordo com que é postulado pela teoria geográfica. Conforme Carlos (2007, p. 91),

[...] o adensamento das periferias urbanas, com a ocupação de morros, alagados, áreas de proteção de mananciais, várzeas, marcam o movimento de precarização eminente da habitação e da vida. Esse processo espacial que sinaliza o aprofundamento da segregação urbana acelerou-se [...] limitando o acesso à moradia e ao lazer somente àqueles que têm poder de compra, portanto, detentores de renda.

Na perspectiva dos autores aprendentes, percebe-se, portanto, certa semelhança entre os vários textos sobre o que significa a noção de periferia e a forma como eles são reproduzidos no interior do espaço urbano. A linguagem presente nas figuras demonstra uma evolução da capacidade cognitiva, na medida em que novos esquemas são aglutinados aos esquemas que os aprendentes já possuíam.

3 O estudo do meio – o *ir para ver*

Olhar para as cidades pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama [...]. A cada instante há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às seqüências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas.

Kevin Lynch.

Tendo como base a epígrafe acima, podemos afirmar que é na experiência cotidiana que os indivíduos formam imagens e impressões acerca do lugar no qual desenvolvem a sua existência. A elaboração da imagem da cidade é o resultado da ação de dois tipos de capacidades humanas, o perceptivo e o cognitivo que, em certa medida, são influenciados por um conjunto de valores presentes nos indivíduos quando se relacionam com o lugar.

Para Lynch (1980, p. 203), “*é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se por, de trabalhar e brincar*” que se constituem em um sistema de signos, linguagens das cidades que serão identificados e representados pelo processo de construção da imagem da cidade, tão importante para sua apreensão como forma própria da humanidade.

O projeto de pesquisa sobre *elaboração e o uso das imagens na construção do conhecimento em Geografia*, a partir da percepção urbana e do uso das imagens da cidade, propunha um olhar investigativo em dois momentos distintos, porém complementares.

No desenvolvimento dessas duas etapas da pesquisa, procuramos examinar em que medida a percepção e a leitura e interpretação da imagem urbana desenvolvem conhecimentos sobre o espaço geográfico e o fenômeno da urbanização. Essas etapas da pesquisa propunham, exatamente, a possibilidade do confronto entre as diferentes imagens da cidade: as imagens cotidianas e as imagens elaboradas pelo discurso da ciência, no contexto do processo aprendente.

3.1 Educando o olhar em busca do saber geográfico

Borges (2005, p. 31), ao se referir aos processos de transformações ocorridas no que se considerava pesquisa histórica no decorrer do século XIX, reconhece que:

No final do século XIX, uma série de transformações nas relações sociais e nos parâmetros do pensamento filosófico e científico começa a colocar em causa os fundamentos da historiografia metódica. Conseqüentemente inicia-se um processo que, em médio prazo, contribuiria para criar as condições teóricas que levariam a uma mudança do conceito de documento histórico que, por sua vez, acabaria incorporando a fotografia no rol de fontes de pesquisa histórica.

Na realidade, essas transformações não iriam abalar somente a concepção de História, como ciência, mas de um modo geral, todas as Ciências Humanas, entre elas a própria Geografia. As tensões, os conflitos e os antagonismos evidenciados pelas transformações trazidas pelas guerras no início do século XX, contribuíram enormemente para dilapidar os discursos políticos, científicos e socioculturais, próprios da época anterior. Para Borges (2005, p. 33), *“em meio a esse processo de mudanças, ganha força a tese weberiana da natureza compreensiva e interpretativa das ciências e da cultura”*.

Nessa perspectiva, Weber (apud BORGES, 2005, p. 34) se volta rigorosamente contra o discurso hegemônico da Ciência e

[...] combate resolutamente a idéia de que a Ciência possa engendrar ‘concepções do mundo’ de validade universal, fundada no sentido objetivo do decurso histórico [*Para ele*], esse sentido objetivo não existe e por isso mesmo não existe uma ciência social livre de pressupostos valorativos (aspas e itálico do autor).

Essas questões promoveram conseqüências importantes na pesquisa em Ciências Sociais, no geral, inclusive quanto à questão da utilização de diferentes formas da abordagem e de variados instrumentos de pesquisas, também do uso da memória e dos vários tipos de documentos utilizados como fontes de representação e pesquisa, incluindo aí as fotografias.

Com algumas diferenças, Borges (2005), Rosendahl e Corrêa (2001), ratificam as idéias preconizadas por Weber quando afirmam que, na ciência geográfica, a utilização das paisagens como fonte de pesquisa e informação passam por um processo de transformação relevante. Sua interpretação e compreensão pelo

pesquisador só seriam possíveis a partir da utilização do método fenomenológico-hermenêutico, desenvolvido por um novo humanismo da Geografia. Portanto, a paisagem por armazenar e codificar informações passa a ser vista como um texto cultural inserida no contexto mais amplo do espaço e submetido à lógica da intertextualidade.

De acordo com Ducam (*apud* Rosendahl; Corrêa 2001, p. 43), na perspectiva da Geografia Humanística, a paisagem, tida como um

[...] sistema significante é um dos elementos centrais dentro de um sistema cultural, como uma reunião ordenada de objetos, um texto [...] através do qual um sistema social é comunicado, reproduzido, experimentado e explorado.

Como nos lembram Rosendahl e Corrêa (2001, p. 43), a questão da interpretação e compreensão da paisagem geográfica como texto cultural necessita da elaboração de uma estratégia metodológica que permita considerar a significação da paisagem e que, ao mesmo tempo, possa avalia - lá em três dos seus aspectos (Quadro 1).

Aspectos	Diretrizes
1 ^o	Maneira como as pessoas consideram a natureza da paisagem.
2 ^o	Os valores diferenciados frente aos interpretes internos e externos.
3 ^o	A relação com o sistema de significação implícita à paisagem.

QUADRO 1 - Significação da Paisagem: leitura e interpretação

Fonte: ROSENDAHL ; CORRÊA, 2001, p. 43-44.
Elaboração: SCHWARZELMULLER, 2007.

Segundo esses autores, com a combinação dos três aspectos apresentados no Quadro 1 é possível reconhecer as estruturas da experiência vivida pelos sujeitos no seu ambiente no seu lugar de existência, o que torna possível reconhecer, como suas representações se originam, se desenvolvem e se transformam dentro de um contexto socioespacial mais amplo, conforme afirma Relph (1979, p. 5):

[...] desde que a experiência não é variada mas possui imagem e forma, devem ser procuradas consistências e estruturas nos significados dos fenômenos. Estas são estabelecidas pela interpretação da evidência disponível - isto é, providenciando relato que se ajustam à evidência [...].

Tendo identificado e interpretado estruturas de experiência, torna-se possível examinar os caminhos pelos quais se constituem, onde elas se originam, como elas se desenvolvem e se transformam e, também, colocá-las num contexto ontológico mais amplo.[...] a paisagem experienciada como imediatamente presente partilha do caráter da existência humana.

Nesse sentido, percebemos uma evolução do termo/conceito paisagem, de sua significação e sua valoração dentro da ciência geográfica como possibilidade explicativa na medida que a sua elaboração simbólica, como constitutiva do mundo vivido, pode ser reconhecida e representada pelo método fenomenológico, levando em consideração a descrição e a interpretação, apoiado, sempre que possível, por textos visuais, fotográficos, desenvolvidos pelo *estudo do meio*.

Para o tipo de pesquisa que envolve a percepção urbana, o *estudo do meio* e a contextualização são etapas da maior importância, uma vez que, essa estratégia permite desenvolver a capacidade de apreender o cotidiano da cidade.

3.2 O *ir parar ver* – roteiro de observação/descrição

A utilização dos métodos fenomenológicos pelas Ciências Humanas na análise da vida cotidiana tem evidenciado vários aspectos e padrões da experiência ligados à percepção urbana e à elaboração da representação da cidade e de suas qualidades.

De acordo com Tuan (1983, p. 46),

[...] é por meio da experiência no cotidiano que o significado do espaço freqüentemente se funde como de lugar, sendo que o espaço é mais abstrato do que o lugar, e este transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor e significação informando-o, tornando-o assim em lugar.

Colocada a questão dessa forma, o que se apresenta para a pesquisa é como desenvolver um procedimento de experimentação do lugar, interpretando os espaços e os lugares como imagens de sentimentos complexos, e o que estas imagens possam ser transmitidas no interior do processo aprendente.

Para Masini (1997, p. 63),

O método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva. É simultaneamente tarefa da interpretação (tarefa da Hermenêutica) que consiste em por a descoberta os sentidos menos aparentes, os que fenômeno tem de mais fundamental.

Nesse sentido, a descrição, partindo da intencionalidade presente na atitude da abertura fenomenológica e aliada à interpretação são elementos estruturantes das abordagens qualitativas em Ciências Humanas.

Para isso, é preciso aceitar o fato de que no ato de escrever uma descrição de algo não há espaço para a dicotomia do verdadeiro em oposição ao falso. A descrição é considerada fenomenologia, um caminho de aproximação do que se dá, da maneira que se dá e tal como se dá. Refere-se ao que é percebido, do que se mostra como fenômeno. Não se limitando à enumeração dos fenômenos como no positivismo, mas pressupõem alcançar a essência do fenômeno.

Dita de uma outra forma, a descrição proposta pela atitude fenomenológica-hermenêutica do mundo vivido valoriza a possibilidade da experiência direta do pesquisador e refere-se à relação que se desenvolve entre os agentes da ação, ou mesmo em ser agente dela.

Assim, ao assumir o *estudo do meio* como estratégia metodológica tomamos o *Subúrbio Ferroviário*, fragmento urbano, como espaço de aprendizagem, no qual através dele o aprendente toma contato direto com a realidade ambiental transformando-o em lugar informado, pela identificação dos índices ambientais das características físicas, econômicas e infra – estruturais, aliados aos usos e hábitos desenvolvidos pelos seus moradores no local. Foi com esta intenção que desenvolvemos um roteiro de observação/descrição, a fim de orientar no mapeamento da área pesquisada.

Nesse roteiro de observação/descrição, os itens priorizados foram sempre relacionados aos aspectos físicos e infra-estruturais afim de que os aprendentes pudessem encontrar a linguagem da cidade para em seguida representá-las seja através do texto verbal-escrito, seja em um texto figurativo. O roteiro traz, implicitamente, questões relacionadas aos temas geradores e ao enfoque dominante que vinham sendo debatidos nos encontros presenciais em sala de aula – a (re)produção do espaço e seus aspectos ambientais. Estes temas geradores

orientaram a intenção do olhar e a ação posterior de selecionar as informações presentes no meio para serem registradas em formas de imagens, pois sabíamos que ao observar é interessante que se produza um registro dessa observação.

O roteiro de observação/descrição funcionou, então, como um instrumento decisivo para o mapeamento dos aspectos observados e dos registros fotográficos efetuados. Estes foram tomados como prioritários nas etapas seguintes da pesquisa, sendo, portanto, uma condição inicial para o *estudo do meio*.

Com o roteiro de observação/descrição, priorizou-se uma série de conhecimentos e de informações a respeito do *Subúrbio Ferroviário*, que foram trabalhadas em sala de aula, sendo mais um subsídio para a elaboração da interpretação, compreensão do conceitual desenvolvido pela ciência geográfica, no interior da pesquisa como um todo.

Considerando que são os usos e hábitos que, numa certa medida, constroem a imagem do lugar e que esta posteriormente pode vir a ser representada, optou-se quando da elaboração do roteiro, por questões que apresentassem em tensão sempre duas ou mais variáveis que atuam no lugar, ordenando-as, criando qualidades próprias ou informações. Na atividade V do roteiro, pode-se constatar essa intenção quando se solicita os aprendentes que observem as variáveis de natureza física das áreas públicas (se é que existem), relacionando-as às atividades de lazer que a população local desenvolve prioritariamente. Na atividade II, o convite é para que observem as variáveis que são relacionadas aos aspectos socioespaciais, suas geografias, e as atuais condições de uso das infra-estruturas, aliadas as ações desenvolvidas pelas pessoas - o *ir e vir*.

No conjunto as atividades foram imaginadas, com a intenção de facilitar o registro das percepções ambientais, o seu mapeamento, mas que pudessem também contribuir para o processo de escrita da descrição densa da realidade e que, desde então, novas questões viessem a ser formuladas.

Dos vários itens propostos no roteiro de observação/descrição, apresentamos, aqui, dois deles escolhidos aleatoriamente, acompanhados dos relatos dos aprendentes. A intenção é de apresentá-lo como exemplo da atividade

do *estudo do meio*, na medida em que observar e descrever as percepções, e se foram etapas importantes para a pesquisa. Na atividade, II propomos aos aprendentes:

Atividade II

No percurso até a estação de Escada, preste atenção às “geografias presentes”, suas espacialidades. Observe ainda o ir e vir das pessoas, no seu cotidiano, e em seguida, estabeleça uma descrição das percepções.

Nesse percurso observa-se bem nitidamente o contorno da Baía de Todos os Santos, aliada à segregação espacial, onde um lado está o mar, de outras construções antigas e precárias, onde a população é carente e a ocupação é desordenado.

Aprendente: Ana Patrícia.

Atividade V

Chegamos a Plataforma/ São Brás/ São João Cabrito. Observe atentamente os aspectos em sala, com relação às áreas públicas- usos- lazer, presença e ausência de vegetação.

Nota-se a ausência de vegetação, local abandonado, pequeno comércio local, locomoção a cavalo, da aqui percebe-se bem a escarpa da linha de falha, uma diferenciação das construções [...]

Aprendente: Rita de Cássia.

Como podemos observar nos dois exemplos citados anteriormente, o *estudo do meio* permitiu a aproximação dos aprendentes ao espaço urbano, a partir dos registros do que é percebido, para simultaneamente ser interpretado, ou seja, para que se pudesse “*por a descoberta os sentidos menos aparente, os que o fenômeno tem de mais fundamental*”. (MASINI, 1997, p. 63)

O registro fotográfico planejado pela pesquisa, a ser realizado pelos aprendentes, procurou atender também, o objetivo de registro das percepções do espaço urbano, cujos enfoques socioespaciais e aspectos ambiental-urbanos, afim de confrontá-los com os mapas mentais.

3.3 Os registros fotográficos – imagens fontes de conhecimento geográfico

Ao adotar as fotografias como testemunho visual das aparências e como fonte de informação, de emoção e recordação estas se unem à memória – consciência dos sujeitos e tendem a promover a elaboração de uma nova forma de conhecer a realidade espacial onde tradicionalmente, estes conhecimentos eram adquiridos através dos textos verbal-escrito.

O fato é que quando mostramos uma fotografia, fornecemos informações, tanto abstratas quanto sensíveis, num certo grau de coesão e de verdade, ainda que posicionados em planos diferentes em relação à informação presente no discurso verbal.

Nesse sentido, podemos tomar como verdadeira a idéia de que os estímulos visuais fornecidos pelo plano da expressão da fotografia – realidade visível material do signo fotográfico, durante o processo de leitura, estes são reconhecidos como uma forma de mensagem, e que produzem significados diversos, uma vez que estes se encontram ligados, ao já definido plano de expressão do signo. Os significados aliados aos elementos do plano de expressão constituem o plano do conteúdo e tendem a ser tão importante quanto aos textos produzidos pela combinação de palavras.

A função do conteúdo aliado ao plano de expressão, segundo Lindekens *apud* Santaella e Nöth (2005, p. 113) é

[...] o que torna a imagem fotográfica uma mensagem multicodeificada para a análise semiótica, portanto a fotografia se comportaria como um código, uma linguagem no sentido de Hjelmslev (1971) com primeiro e segundo plano de articulação, que guardariam uma semelhança com a análise proposta pela lingüística para os textos verbais.

Ao concordar com Lindekens, de que as fotografias são uma mensagem, podemos afirmar que a construção do conhecimento a partir do texto figurativo é um processo de aprender a observar para (re)conhecer, que, ao lado da verdadeira informação icônico-fotográfica, a foto transmite outras mensagens que já apresentam suas próprias codificações biossociais, “psicossociais”, “simbólicas”, “retóricas” ou lingüísticas no nível da realidade representada (da analogia

referencial), assim como da verbalização da imagem independente da fotografia. (SANTAELLA; NÖTH. 2005)

Nesse sentido, esse processo de (re)conhecer, passa pela educação do olhar, entendendo que na observação existe algo mais do que aquilo que nos chega aos olhos através dos estímulos visuais – perceptos – pois na observação científica, o olhar torna-se indissociável da interpretação que realizamos ao nível da consciência.

Como sugeriu Francastel (1998, p. 95),

O que permanece fixo na memória como um ponto de referência não é a recordação da coisa vista, mas a da coisa sabida. Sobre o próprio objeto figurativo, não há qualquer espécie de dúvida. As razões que nos fazem dizer isto são essencialmente físicas e fisiológicas, mas também nunca houve qualquer experiência que levasse a concluir que existe uma reação da retina sem atividade combinatória. A retina faz parte do cérebro.

Sob essa ótica, podemos afirmar que a fotografia, na qualidade de texto não-verbal, é indiscutivelmente um meio de conhecimento do real, *“uma emanção do real passado”* e que por isso, *“do ponto de vista fenomenológico, o poder de autenticação sobrepõe-se ao poder da representação”*. (BARTHES, 1984, p. 132)

No entanto, é preciso antes de qualquer tentativa de leitura e interpretação das imagens fotográficas, aceitar que os fragmentos do mundo visível (do espaço geográfico) que se encontram aprisionados, são apenas uma fração da realidade e que, além disso, o mesmo é fruto de uma intencionalidade daquele que fotografa. O segundo aspecto relevante é o de que, ao lado do *tudo-imagem* (BARTHES, 1984) e do amplo potencial de informação que se encontra presente na imagem – plano de conteúdo e no plano de expressão – ela não pode substituir a realidade, pois, segundo Kossoy (2003, p. 114), *“ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real, selecionado e organizado estéticamente e ideologicamente”*.

Nesta perspectiva, as imagens do ambiente urbano, selecionadas pelo olhar do aprendente da pesquisa, já indicam certa intenção na medida em que estas foram tiradas na etapa do *estudo do meio* e que dessa maneira no ir para registrar, o participante já está impregnado das discussões temáticas e conceituais.

Dessa forma os registros fotográficos tornam-se informações concretas da paisagem urbana que se quis aprisionar, ligados ao tema gerador e o enfoque dominante estabelecido nas discussões temáticas da Geografia. Há de se ressaltar que deve existir também nos registros fotográficos ao lado das informações ambientais um conteúdo ideológico e alguns valores morais presentes nos indivíduos.

Antes de passarmos à análise das fotografias tiradas pelos aprendentes no *Subúrbio Ferroviário*, vale a pena chamar a atenção para dois aspectos que entendemos importantes para a leitura/interpretação das imagens fotográficas e para a análise desenvolvida pela pesquisa. O primeiro aspecto diz respeito à fotografia entendida como mensagem estruturada e que foi escolhida entre as várias possíveis e trazidas para o interior do processo aprendente. O que significam essas escolhas? O segundo aspecto refere-se à relação presente entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, que juntos organizam a mensagem fotográfica como significante e estruturada. A questão refere-se à possibilidade de interpretação, quais são os significados intrínsecos a imagem fotográfica e, o que elas nos comunicam.

Para tentar responder essas questões, apoiamo-nos na proposta metodológica desenvolvida por Kossoy (2001, p. 95-96), ao estabelecer uma dupla linha de investigação e leitura do signo fotográfico, no qual

[...] a análise iconográfica tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos informativos, e, [...] referindo-se à representação pictórica, revive o velho e bom termo, iconologia, como um método de interpretação que advém da síntese mais que na análise e que seria o plano superior, o da interpretação iconológica do significado intrínseco.[...] para tanto, é necessária, a partir de conhecimentos sólidos do momento histórico retratado uma reflexão centrada no conteúdo, porém, num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verísmo iconográfico. É este o estágio mais profundo da investigação.

Como foi dito anteriormente, é nessa dupla linha de investigação que procuramos desenvolver nossas análises, no caso das fotografias selecionadas como instrumento de mediação no processo aprendente apoiado pela transformação da imagem, leitura/interpretação, foram tomadas aqui como texto não-verbal, e

depois, classificadas de acordo com os temas geradores priorizados pela pesquisa; os aspectos ambientais (Figuras 10 e 11) e socioespaciais (Figuras 12 e 13).

3.3.1 Fotografia: aspectos ambientais

Podemos afirmar que toda fotografia é um fragmento do real passado, ou seja, um objeto/coisa que contém em si um fragmento da realidade representado fotograficamente. Com isso, deve-se considerar que, como artefato (produzido pelo homem), por um lado este nos oferece indicações quanto aos elementos que o constitui como signo fotográfico-tema, fotografado, a tecnologia utilizada, aqueles aspectos que lhe deram origem por outro; o fato nos mostra uma quantidade de informações acerca daquele fragmento específico de espaço/tempo aprisionado. Tornando-se, portanto, fonte de informações para diversas ciências, incluindo aí a Geografia.

As fotografias tomadas pela Geografia como fonte de informações e na qualidade de texto não-verbal, pressupõem o desenvolvimento de competências leitoras, no sentido de decifrar a sua mensagem. Dito isto, devemos seguir as orientações metodológicas propostas por Ferrara (1986, p. 33), que foram tomadas nesta pesquisa como norteadoras para o seu andamento.

[...] o texto não verbal apresenta-se diluído no cotidiano do espaço urbano, e nada o impõe à nossa observação. O hábito de atuar nos mesmos espaços e ambientes faz com que eles sejam cada vez mais iguais e imperceptíveis. Ora, não se lê o homogêneo. [...] A eleição de uma 'dominante' – conjugada ao tema gerador, desperta a atenção para o ambiente espacial, para o texto que nos envolve, porém ela é estratégica e metodologicamente ambiciosa. Em outras palavras é operacional. [...] A contextualização, o estranhamento, a eleição da dominante, a atenção, a ênfase, a observação, a comparação, a analogia, enfim, as constantes estratégias já vistas, são condições de leitura não-verbal [...].

Ao adotar essas orientações metodológicas de leituras do texto não-verbal para o documento fotográfico, pudemos observar a evolução da pesquisa, no sentido de permitir a elaboração/utilização e a análise das imagens no processo aprendente, confirmando, assim, a hipótese de que através das imagens visuais, os aprendentes aproximam-se dos conceitos da Geografia. Lembrando que essa

análise só se ocupará da descrição das fotografias quando esta se mostrar indispensável para a compreensão da pesquisa.

Sendo assim, as imagens fotográficas (Figuras 10 e 11) feitas pelos aprendentes, foram selecionadas e classificadas pelos seus índices referenciais dos aspectos ambientais relacionados com o tema gerador, urbanização e meio ambiente. Para despertar a atenção do aprendente/leitor da imagem, escolhemos como dominante a poluição do córrego para a Figura 10 e a degradação da praia para a Figura 11, isto significando a seleção e classificação das fotos a serem transformadas.

O tema gerador tem a função de orientar a leitura e análise dos dados, assim como, a seleção e distribuição das imagens fotográficas. A dominante orienta a observação, e atribui a ênfase e a atenção para determinados índices que permitem a comparação dos elementos nas imagens.



FIGURA 10 – Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 1

Fonte: Apendente – Ana Patrícia, 2007.



FIGURA 11 – Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 2

Fonte: Aprendente – Rodrigo Moate, 2007.

No que se refere ao plano do conteúdo, as Figuras 10 e 11 (re)presentam atributos do lugar (paisagem, ambiência) visitado durante o *estudo do meio*, entendido como sendo os aspectos ambientais como foi dito anteriormente a partir do índices de referências observados, a exemplo do lixo e imundices no córrego que chegam à praia, à degradação ambiental, poluição do córrego. Estes índices presentes na imagem, numa certa medida, simbolizam as periferias das cidades brasileiras. Simbolicamente, refere-se à força da (pré)sença do lugar periférico no contexto urbano.

Estes são os significados intrínsecos que são comunicados pelas imagens fotográficas analisadas, reconhecidos a partir da eleição da dominante.

3.3.2 Fotografia: aspectos socioespaciais

Como podemos observar, as imagens fotográficas (12 e 13) foram produzidas procurando atender a finalidade da pesquisa. O que se pretendeu foi registrar aspectos do lugar que estivessem alinhados com os temas geradores discutidos nos espaços de aprendizagens.

Nesse sentido, o que é registrado pela fotografia procura estabelecer um olhar e uma preocupação plástica e estética, mas que representasse com clareza os temas em discussão.



FIGURA 12 – Subúrbio Ferroviário: aspectos socioespacial 1

Fonte: Aprendizente – Rita de Cássia, 2007.



FIGURA 13 – Subúrbio Ferroviário: aspectos socioambientais 2

Fonte: Aprendente – Mailson, 2007.

Para as Figuras 12 e 13, as mesmas (re)presentam os aspectos socioespaciais segundo a ótica imaginada pelo aprendente, e que aparecem nos índices; precariedade das habitações, ausência de saneamento básico, a vida degradante, pobreza e miséria, todos eles colocados de maneira simultânea, conforme o olhar, a atenção atribuída pelo aprendente.

No que se refere às possibilidades de comunicação presentes no texto figurativos, os mesmos simbolizam, segundo os aprendentes, a precariedade da vida e a exclusão social presente no espaço urbano, estas são informações que as fotografias desejam comunicar no processo de análise e acordo com a intenção do aprendente que a registrou.

Assim, esses procedimentos referem-se a aspectos práticos que contribuem para a elaboração/transformação e análise das imagens fotográficas e da imagem da *Subúrbio Ferroviário*, além de promover a comparação dos índices, pondo em evidência os estágios da construção/aproximação em relação aos temas/conceitos da Ciência geográfica.

Vale ressaltar que os índices reconhecidos para o ambiente urbano nas imagens fotográficas possuem interseções, não sendo estanques, pois eles representam (re)construções de realidades sociais.

A seleção das fotografias para o *estudo do meio* coloca o problema da competência para a produção e posterior leitura dos seus elementos constitutivos. Assim, tomada como texto não-verbal, a leitura foi dirigida levando-se em conta as dimensões do plano da expressão e do plano do conteúdo. No caso das fotos selecionadas, o que mais importa para a pesquisa é avançarmos na dimensão da sua expressão, da realidade visível que representa frente ao seu plano do conteúdo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as fotografias apresentam um “certo olhar” que os participantes desenvolveram sobre o meio observado e que, posteriormente, foram tomadas em sala de aula, como portadoras de um saber específico nas discussões temáticas, e a partir daí passaram a funcionar como um enunciado e aceito por todos os participantes como sendo uma forma de falar do ambiente urbano pesquisado.

4. Fotografia, representação e linguagem

Na perspectiva das doutrinas da informação, procura-se classificar o signo figurativo como portador de mensagens. [...] Nenhum sistema de significação constitui um instrumento posto ao serviço de uma verdade independente e imutável. Uma sociedade não aplica a sua verdade, fundamenta-a. [...] Qualquer ação, qualquer imagem, é, de certo modo criadora da realidade.

Pierre Francastel.

A representação do fragmento urbano através da imagem fotográfica, junta-se agora à percepção dos conhecimentos socioespaciais e ambientais, através da transformação da realidade figurativa, aqui designada de mapa mental, pela associação de idéias, tornando-se o cerne do problema da pesquisa, que é o de identificar como os aprendentes constroem/aproximam-se do conceitual da geografia pelo uso/produção das imagens.

Corroborando com a pertinência desta opção, Mauad (2004, p. 25), reconhece que:

Na qualidade de texto, que se pressupõem competências para sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir dos dois segmentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor e etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentidos na fotografia, sendo possível separá-los para fim de análise, mas compreendê-los apenas como um todo integrado.

Do ponto de vista da construção do conhecimento geográfico, a imagem fotográfica permite a presentificação de um fragmento da paisagem, como uma mensagem que se desenvolve através do tempo, ainda que os seus significados mais profundos, aqueles ligados aos sentimentos dos moradores do lugar, aquilo que lhes orientam a identidade, não se encontram necessariamente implícitos. Segundo Kosoy (2003, p. 117), “o significado é imaterial: jamais foi ou virá a ser assunto visível passível de ser retratado fotograficamente”.

A compreensão desses significados, mais profundos, presentes na e pela imagem é atividade a ser desenvolvida pela análise semiológica para que possamos compreender os fatos ausentes na imagem fotográfica.

Nessa fase da pesquisa propomos uma análise compreensiva das fotografias tiradas pelos aprendentes (Capítulo 3, item 3.3) durante o *estudo do meio* da área do Subúrbio Ferroviário, através da sua transformação em mapa mental, confrontando-o com o texto verbal-escrito.

4.1 Análise semiológica

O ponto de partida das próximas considerações sobre a elaboração/transformação e análise das imagens fotográficas refere-se à interpretação da imagem e à construção do sentido – qualificável em termos de conotação e denotação – em relação às noções/conceitos elaborados no processo aprendente. O que significa afirmar que se as imagens contêm sentido, este precisa ser “lido” por seu destinatário, por seu espectador, o que exige uma interpretação.

No esforço de interpretação das transformações das imagens fotográficas em mapas mentais, acompanhadas ou não pelos textos verbais, nos apoiaremos na concepção da semiologia estabelecida por Eco (2005, p. 3), pela qual

A semiologia estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos – partindo da hipótese de que na verdade todos os fenômenos de cultura são sistemas de signos, isto é, fenômenos de comunicação.

Pela definição apresentada, estamos diante do duplo problema sobre a existência do código fotográfico, relacionada à questão mais ampla sobre a possibilidade de codificação da imagem.

Como foi visto antes, Lidekens (1971) posicionou-se de forma favorável à existência de um código de linguagem situado em dois planos. No primeiro plano, este código contém os chamados morfemas icônicos como unidades mínimas portadoras de significado da foto. No segundo plano de articulação, o código consiste, então, de unidades da imagem, unidades mínimas da forma de expressão (SANTAELLA; NOTH, 1997).

4.2. A transformação da realidade fotográfica – o imaginário e o mapa mental

Dentre as imagens fotográficas captadas pelos aprendentes sobre a área do Subúrbio Ferroviário, selecionamos quatro, sendo que duas envolvem diretamente as variáveis ambientais e as outras duas as questões socioespaciais, conforme foi explicitado no capítulo anterior.

A partir dessas imagens fotográficas foi solicitado aos aprendentes que refletissem sobre as imagens fotográficas e tentassem representar, através de desenhos, uma intervenção / transformação nas imagens, levando em consideração dois enfoques dominantes prestabelecidas pela pesquisa como balizadoras do conhecimento geográfico: os aspectos ambientais e a dimensão socioespacial. As intervenções deveriam, então, contemplar ambos os aspectos.

Desse modo, são apresentados, a seguir, dois mapas mentais para cada fotografia selecionada, totalizando oito imagens, o que representa 6,0% do total do número de aprendentes que foram 50 (Figuras 12 a 19).

A proposta de intervenção nas imagens por parte dos aprendentes depende sempre da forma pela qual eles realizam as leituras das imagens, ou seja, de sua experiência vivida, mediada sempre por um conjunto de crenças, de juízos e conceitos – seu repertório cultural – que medeia suas observações e seus registros (as fotos). Nessa perspectiva, consideramos que essa observação – e os registros – jamais são isentos de valores próprios dos sujeitos.

Isso implica a superação de uma visão espacial pautada na objetividade – uma *condição externa* aos indivíduos e grupos sociais que o produziram, que nele habitam e produzem valores – para uma compreensão do espaço como *expressão material e imaterial* das sociedades, como um universo em aberto, cuja determinação depende da compreensão que os sujeitos sociais fazem de suas formas e de sua estrutura, e que delas não se separam.

Sendo assim, como ponto de partida de nossa análise, adotamos uma perspectiva de que uma observação jamais é feita sem a mediação, senão de conceitos científicos da Geografia, da experiência vivida dos aprendentes – de seu

repertório cultural, político, ideológico e ou de classe social – de tal forma que reconhecemos não estarmos diante do espaço – como uma externalidade objetiva – mas de uma representação imagética carregada de valores, e, portanto, distante de uma perspectiva neutra em sua interpretação, tão cara à Geografia Tradicional.

A partir daí, o que se coloca não é mais uma relação entre sujeitos e objetos em lugares opostos, mas, sim, diante de uma intertextualidade que se faz entre as imagens tomadas como textos, e o texto verbal-escrito, ambas ancoradas na vivência dos indivíduos, em seu processo cognoscente.

Como nos mostra Ferrara (1986, p. 105),

A intratextualidade é constituída lentamente de focos representativos de textos, isto é, fragmentos, unidades que se desprendem de outros conjuntos a partir de um jogo de analogias sintáticas: este é o princípio lógico, ou melhor, analógico, de organização do intratextual.

A transformação da imagem fotográfica como estratégia de desenvolvimento de leituras do espaço e conceitos da Geografia, supõe a descoberta do lugar como base da experiência da realidade geográfica.

Partimos do princípio de que o lidar com as imagens é um exercício possível de leitura do espaço, no qual os aprendentes uma contextualização da inserção da área visitada no cenário maior da cidade de Salvador, perceber os elementos constitutivos da paisagem, registrá-los em fotografias para depois elaborar uma proposta de intervenção nas imagens por eles registradas.

Para que essa intervenção se concretize em transformação a partir da adoção de alguns processos metodológicos que possibilitem aos alunos uma relação entre aquilo que se vê nas imagens e os conceitos que delas possam ser retirados. Para isso elaboramos atividades que procuravam contextualizar a área de estudo; solicitamos a explicitação das representações dos estudantes sobre essa área lugar do *estudo do meio*; consistiam em uma contextualização do lugar no qual se desenvolveram as atividades de estudo do meio; a ser visitado em trabalho de campo, na qual se procurou descrever e situar o lugar no contexto mais amplo da cidade; a elaboração de uma representação mental sobre o lugar a ser visitado a

idéia como conceito, além da escolha do enfoque dominante, a ser desenvolvido na elaboração da transformação ligada ao tema gerador que é parte da disciplina.

O enfoque dominante aliado à atenção e à ênfase que o aluno leitor da imagem atribui às características presentes no plano do conteúdo da foto determina a transformação. Nesse processo de leitura, a escolha da dominante orienta a atenção e a ênfase que devem ser atribuídas pelos alunos aos elementos característicos da imagem fotográfica, o que permite a discriminação e comparação entre essas características e outras já conhecidas referentes ao espaço urbano, que se encontram presentes no repertório de cada aluno. Essa leitura se perfaz através de recortes no repertório do leitor da imagem.

Através do processo de seleção e relação dos elementos do repertório, o leitor busca as equivalências, semelhanças e dessemelhanças presentes no repertório, enquanto que a relação organiza os traços relacionados em unidades contíguas que o auxiliem no fazer da transformação.

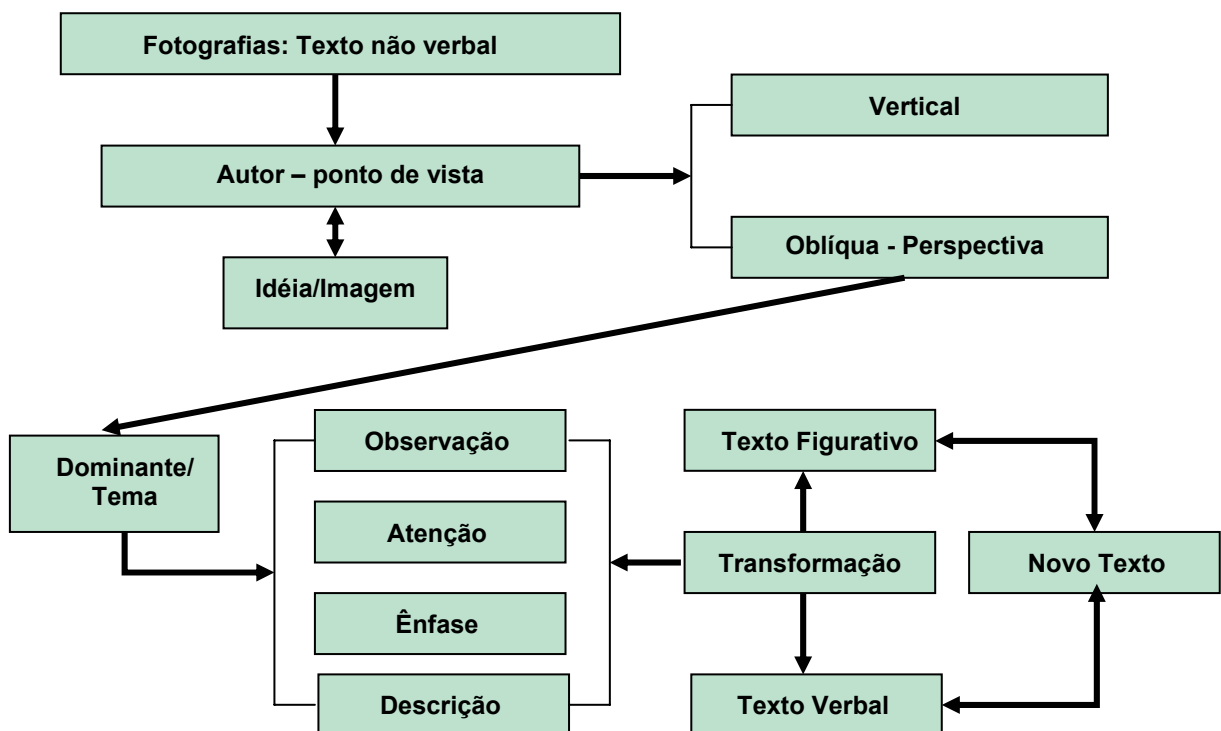


FIGURA 14 - Etapas de produção/transformação dos signos fotográficos e as ações didático-pedagógicas

O roteiro que apresentamos acima com as etapas desenvolvidas para a elaboração/transformação da imagem fotográfica foi apresentado aos aprendentes para que estes pudessem alcançar as etapas das produções textuais, a partir da observação da fotografia.

Das várias etapas propostas para a transformação, vale destacar que a relação existente entre o tema e a dominante é que determina as etapas seguintes a partir da observação dos elementos constitutivos da imagem. A atenção aos índices, à ênfase que será dada a cada índice no momento da transformação aliada à descrição, produzem um esquema de intervenção na imagem fotográfica, que será apresentado em forma de mapa mental.

4.2.1 Os mapas mentais: os aspectos ambientais e os aspectos socioespaciais

Os mapas mentais são uma forma de representação constituída de imagem visual que ultrapassa o aspecto visual – figurativo -, tornando-se forma de linguagem pela qual o objetivo une-se ao subjetivo, a prática aprendente aos valores individuais e coletivos, o espacial ao que é geográfico, de modo que a sua elaboração, por parte dos aprendentes, é essencialmente uma fabricação da consciência e não um reflexo. O objetivo não existe previamente no inconsciente Francastel .(1998, p. 59)

[...] A representação da cidade através da imagem, percepção e conhecimentos ambientais através da associação de idéias são os três elementos que interpretativamente, fundamentam o problema proposto [...]

No momento da elaboração dos mapas mentais, os aprendentes focam sua atenção para esses índices e lhes atribuem uma ênfase, a fim de despertar comparações, analogias e a capacidade de combinar outras imagens urbanas que o ajudará na elaboração do mapa mental.

A análise desses mapas mentais sugere que foi a adoção da dominante relacionada a cada um dos temas que, aliada à atenção e à ênfase atribuída aos elementos presentes no plano do conteúdo da fotografia que determinaram as transformações propostas e a construção/aproximação com o conceitual da disciplina.

Estes mapas mentais são surpreendentes e estimulantes em muitos aspectos, devido às articulações estabelecidas entre as várias unidades de significados no seu plano interno – seu intratexto, e pela relação instituídas entre estes e as fotografias que lhes deram origem, acompanhadas ou não do texto verbal – a intertextualidade.

Antes de iniciarmos as observações das Figuras, recordemos os passos requeridos, para os aprendentes, durante a realização do *Estudo do meio*:

- a) Construir uma idéia/imagem do Subúrbio Ferroviário na forma verbal/escrita e figurativa a partir do ato de fotografar;

Fotografar os aspectos ambientais;

Fotografar os aspectos socioespaciais;

- b) Produzir mapas mentais com as seguinte orientações:

1. Assumir o *tema gerador* da disciplina (urbanização e meio ambiente), pois este orientou as discussões teóricas, o estabelecimento dos conteúdos conceituais e os procedimentais, sobretudo como necessidade de eleger a *dominante* que determinou a percepção dos elementos presentes no espaço e aprisionadas nas imagens fotográficas;
2. Adotar a *observação* atenta, tomada como atividade de controle metodológico, aliada a capacidade associativa do aprendente de perceber os índices que caracteriza o espaço urbano, se constituindo como esforço de reconhecimento e identificação dos objetos, dos padrões e feições característicos do fragmento urbano e na elaboração dos primeiros esquemas mentais de conhecimento que contribuíram para a transformação da imagem a ser desenvolvida;
3. *Atenção* é outra atividade de controle metodológico que atribuída às características fisiográficas do fragmento urbano como decorrente da observação que promove a regularidade dos sinais no domínio da irregularidade presente na paisagem urbana que é registrado na fotografia. Estas tendem a ser mobilizadas mentalmente no momento da elaboração da transformação da fotografia em mapa mental;

4. A *ênfase* é uma outra ação importante que às vezes é confundida com a atenção, mas, desta depende a possibilidade de transformação daquilo que é homogêneo, por força do hábito, em heterogêneo, portanto passível de leitura e representação.

Na elaboração da transformação da fotografia em *mapa mental*, os aprendentes aproximam-se do conceitual teórico através da junção dos esquemas mentais já disponíveis aos novos esquemas que foram produzidos para evidenciar a elaboração/transformação da imagem, que foram organizados pela dominante/tema e pela atenção dispensada à atividade.

4.2.1.1 Mapas mentais: aspectos ambientais

A partir da fotografia representada pela Figura 10, dois aprendentes foram convidados a elaborar mapas mentais que se seguem.



FIGURA 10 – Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 1

Fonte: Aprendente – Ana Patrícia, 2007.



FIGURA 15 – Mapa Mental A - Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 1
Fonte: Aprendizente – Gildésio B. da Cruz, 2007.



FIGURA 16 – Mapa Mental B - Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 1
Fonte: Aprendizente – Nara Magnólia Santos, 2007.

A partir da Figura 11, novos mapas mentais foram produzidos, por dois outros aprendentes.



FIGURA 11 – Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 2

Fonte: Aprendiz – Rodrigo Moate, 2007.



FIGURA 17 – Mapa Mental C - Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 2

Fonte: Aprendiz – Ana Patrícia, 2007.

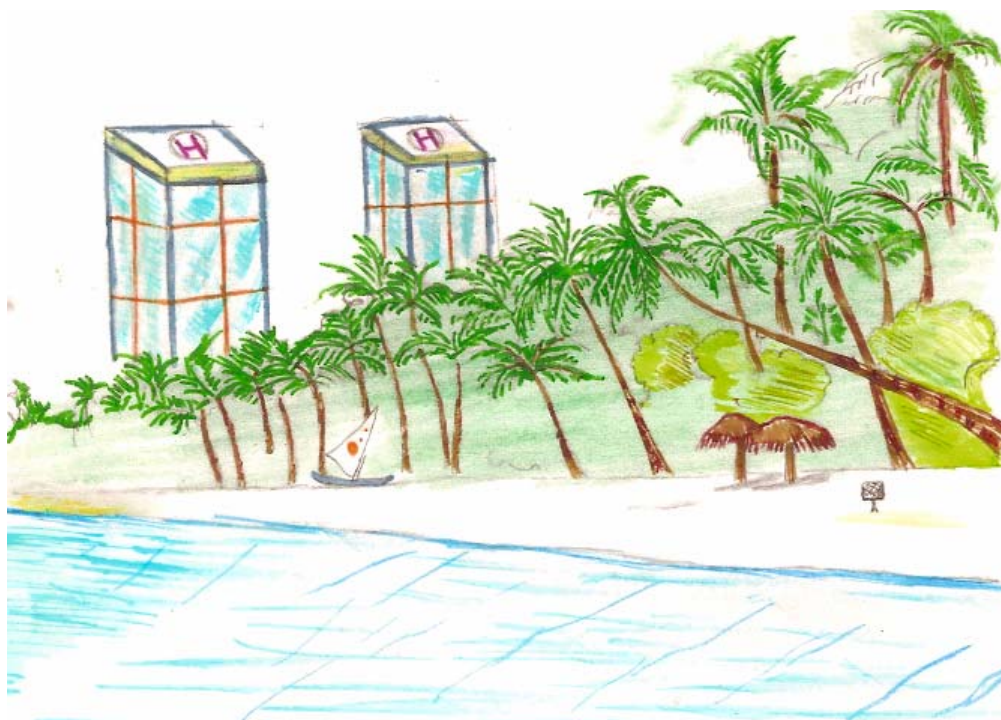


FIGURA 18 – Mapa Mental D - Subúrbio Ferroviário: aspectos ambientais 2
 Fonte: Aprendente – Sérgio Sousa, 2007.

Os mapas mentais apresentados nas Figuras 15 e 16 parecem ter sido produzidos com a finalidade de encantar o olhar do receptor, promover um imaginário marcado pelas noções positivas de preservação da natureza, da harmonia e do equilíbrio ambiental.

Os índices de degradação, poluição e a falta de uma política ambiental que simbolize as periferias foram substituídas por outros marcos que organizam e estruturam o lugar de forma bonita e agradável.

Nos mapas mentais (Figura 15 e 16), originados a partir da figura 10, a metáfora do retorno à natureza preservada é marcada pela visualidade do córrego limpo e preservado em seu curso natural. As margens apresentam um traçado suave em harmonia com os demais elementos naturais. Ironicamente, a linha férrea permanece, porém, numa forma modernizada.

Com algumas diferenças, o segundo mapa mental também nos transporta para o padrão existente no primeiro. A conservação da natureza se dá pela presença da vegetação distribuída de forma harmônica dos elementos sociais. O

córrego parece ter sido canalizado, dando lugar à área pública de lazer onde todos da comunidade podem viver tranquilamente.

Em ambos os mapas mentais, os aprendentes parecem querer ressaltar a discussão entre preservação x conservação presente no debate da questão ambiental pela geografia.

Os mapas mentais 17 e 18, originados da Figura 11, com algumas diferenças, também nos transportam para o padrão de transformação existente nos dois primeiros analisados.

Os índices ambientais de degradação do ambiente, presente na linha da praia, produzem um marco muito significativo na visibilidade do lugar, que foi registrado fotograficamente e que servem para demonstrar o sentimento oposto à topofilia. (TUAN, 1980)

A identificação dos marcos significantes da degradação ambiental do lugar incentivam a associação de idéias, a fim de promover níveis variados de mudanças.

Os elementos marcantes, a exemplo da deterioração das residências, poluição por lançamento de esgotamento doméstico, presença de lixo e outros tipos de imundices, foram substituídos por índice bastante diverso, mas construindo uma imagem de modernização e progresso aliado à conservação da natureza. Mudando a funcionalidade do lugar no contexto da cidade.

4.2.1.2 Os mapas mentais: aspectos socioespaciais

As fotografias representadas nas Figura 12 e 13, mostram aspectos socioespaciais do Subúrbio Ferroviário, que foram transformados em mapas mentais pelos aprendentes.



FIGURA 12 – Subúrbio Ferroviário: aspectos socioespacial 1

Fonte: Aprendizete – Rita de Cássia, 2007.



FIGURA 19 – Mapa Mental E- Subúrbio Ferroviário: aspectos socioespaciais 1

Fonte: Aprendizete – Marcelo Nóboa, 2007.



FIGURA 20 – Mapa Mental D - Subúrbio Ferroviário: aspectos socioespaciais 1
Fonte: Aprendente – Verônica Cardoso, 2007.



FIGURA 13 – Subúrbio Ferroviário: aspectos socioambientais 2
Fonte: Aprendente – Maílson, 2007.



FIGURA 21 – Mapa Mental E - Subúrbio Ferroviário: aspectos socioespaciais 2
Fonte: Aprendente – Antônio Fernando, 2007.



FIGURA 22 – Mapa Mental D - Subúrbio Ferroviário: aspectos socioespaciais 2
Fonte: Aprendente – Michele Vergne, 2007.

Para os dois primeiros mapas mentais, Figuras 19 e 20, elaborados a partir da Figura 12, identificam-se transformações significativas dos índices da precariedade das moradias, ausência de saneamento básico, a vida degradante, ligados diretamente às condições de pobreza e miséria que simbolizam o viver nas periferias. Além disso, nos dois mapas mentais podemos identificar as duas formas antagônicas de como se dá, ocasionalmente, a busca da solução para os problemas socioespaciais, seja através da ação do planejamento urbano, das intervenções organizadas pelas instâncias governamentais ou, as intervenções de natureza espontânea que ocorrem ao longo do tempo. Ambos apontando para uma noção de uma ordem espacial no sentido adotado pela ação planejadora (pautada na razão) do espaço, negando, então, os contextos sociais históricos – sempre contraditórios - que deram origem àquelas situações.

É surpreendente observar como os mapas mentais se diferenciam, pela disposição espacial, dos elementos figurativos que compõem a visualidade da imagem. O rigor da ordenação e a padronização das novas moradias (Figura 19) são colocadas frente ao desarranjo e espontaneidade, próprios das ocupações desordenadas das áreas periféricas no outro mapa mental (Figura 19).

No conjunto, os dois mapas mentais constituem um instrumento importante sobre os índices perceptivos aliados aos conhecimentos desenvolvidos em relação às questões socioespaciais e a compreensão da periferia como espaço de segregação social.

A análise dos mapas mentais (Figura 21 e 22), numa certa medida, reapresentam as questões apresentadas anteriormente, sugerindo que a visualidade da imagem urbana é fator importante para a solução das questões socioespaciais.

Observa-se que a rua principal do lugar fotografado adquiriu outra qualidade que reúne visualidade e funcionalidade, ainda que preservando a sua estrutura urbana básica original. Com a implantação de novos elementos urbanísticos, a exemplo das áreas verdes, construções verticalizadas, estas significam modernização, um outro modo de circulação através do automóvel, além de outros símbolos que são projetados e que contribuem para a funcionalidade do espaço urbano, no sentido presente nas ações planejadoras convencionais.

Como já foi dito anteriormente, não foi objetivo desta pesquisa descrever as imagens. O que nos interessou foi tentar compreender as possíveis relações estabelecidas entre as fotografias e os mapas mentais frente aos temas geradores discutidos nos espaços de aprendizagem. As transformações apresentadas nos mapas mentais permitem-nos estabelecer alguns nexos entre as imagens da cidade, sua percepção, e os conhecimentos científicos.

A conservação da natureza se dá pela presença de vegetação distribuída de forma harmônica com os elementos sociais. O córrego parece ter sido canalizado dando lugar à área pública de lazer, onde todos da comunidade podem viver tranqüilamente.

Partimos do princípio de que o lidar com as imagens é um exercício possível de leitura do espaço no qual os aprendentes falta algum termo uma contextualização da inserção da área visitada no cenário maior da cidade de Salvador, perceber os elementos constitutivos da paisagem, registrá-los em fotografias para depois elaborar uma proposta de intervenção nas imagens por eles registradas.

Para que essa intervenção se concretize transformação a partir da adoção de alguns processos metodológicos que possibilitem aos alunos uma relação entre aquilo que se vê nas imagens e os conceitos que delas possam ser retirados. Para isso elaboramos atividades que procuravam contextualizar a área de estudo; solicitamos a explicitação das representações dos estudantes sobre essa área lugar do *estudo do meio*; consistiam em uma contextualização do lugar no qual se desenvolveram as atividades de estudo do meio; a ser visitado em trabalho de campo fica parecendo que trabalho de campo é diferente de estudo do meio, no qual se procurou descrever e situar o lugar no contexto mais amplo da cidade; a elaboração de uma representação mental sobre o lugar a ser visitado a idéia como conceito, além da escolha do enfoque dominante, a ser desenvolvido na elaboração da transformação ligada ao tema gerador, que é parte da disciplina.

O enfoque dominante aliado à atenção e à ênfase que o aluno leitor da imagem atribui às características presentes no plano do conteúdo da foto determina a transformação. Nesse processo de leitura, a escolha da dominante orienta a

atenção e a ênfase que devem ser atribuídas pelos alunos aos elementos característicos da imagem fotográfica, o que permite a discriminação e comparação entre essas características e outras já conhecidas referentes ao espaço urbano, que se encontram presentes no repertório de cada aluno. Essa leitura se perfaz através de recortes no repertório do leitor da imagem.

Através do processo de seleção e relação dos elementos do repertório, o leitor busca as equivalências e semelhanças e dessemelhanças presentes no repertório, enquanto que a relação organiza os traços relacionados em unidades contíguas que o auxiliem no fazer da transformação.

As imagens fotográficas, enquanto representação do lugar periférico, somou-se uma outra linguagem, a percepção dos aprendentes, como forma de extrair das fotografias um conjunto de conformações que fosse capaz de sedimentar um saber relacionado aos temas discutidos em sala de aula e a dominante eleita. O reconhecimento dessas informações estimula a ação mental, na forma de associação de idéias, criativamente, que são representadas em mapas mentais.

Podemos afirmar que a percepção, como verificação da experiência urbana, se manifesta como aquela dimensão da linguagem responsável pelo desenvolvimento da capacidade de aprender o cotidiano da cidade, que se encontra registrado nas fotografias, e que se revelaram, na maioria dos casos, “ordenadores” racionais do espaço, ao invés do reconhecimento da dinâmica social contraditória que deu origem ao espaço e, por extensão, à paisagem.

Nas elaborações dos mapas mentais, os aprendentes demonstram produção do conhecimento, a reflexão sobre as características ambientais do lugar, enquanto base de atuação sobre as imagens fotográficas, a partir de associação de idéias. Segundo Pierce (apud FERRARA, 1993, p. 108),

A associação de idéias supõe a obediência de uma regra pela qual as idéias nascem uma das outras, organizadas pela natureza daquela regra associativa que a comanda. Essas regras são duas: associação por contigüidade e por similaridade.

A associação por contigüidade corresponde a um raciocínio de tipo elementar e se refere às idéias que se associam por serem sugeridas linearmente pela experiência cotidiana. A associação por similaridade, ao contrário, supõe um raciocínio mais elaborado e

consciente, a partir da natureza de duas idéias que se aproximam por força de alguma semelhança. [...] A representação da cidade através da imagem, percepção e conhecimento ambientais através da associação de idéias são os três elementos que, interpretativamente, fundamenta o problema proposto.

Essas três dimensões encontram-se apresentadas nos mapas mentais elaborados pelos aprendentes.

Dessa forma, o que se verifica é uma leitura organizatória do espaço que, ao invés de se dobrar à dinâmica social, pretende em ambos os casos – da percepção empírica do estudo de meio e da leitura das imagens – ordenar o espaço a partir do império das crenças dominantes da sociedade.

A questão central, no processo de aprendizagem, talvez se constitua na possibilidade de transcendência dessas situações, tal qual elas se apresentam no “real aparente”, para, através das mediações conceituais, atingir novas possibilidades de intervenção espacial – alicerçada em uma nova imaginação espacial – que não apenas reproduza a representação dominante.

Isso parece ser possível, por exemplo, através de uma mediação conceitual da noção de espaço geográfico como produção social histórica, que implica não apenas no reconhecimento do viés dominante de reprodução da lógica que deu origem àquela situação objetiva, mas no espaço como condição social-histórica aberta, que pode apontar para a superação da noção dominante, e a busca de outra possível ordem, ou outra ordem possível.

A leitura das imagens e a proposta de intervenção na forma de mapas mentais podem servir como um processo de reconhecimento da situação como expressão da ordem dominante, portanto, norteadora de conceitos, para, através da crítica dessa noção, apontar para novas possibilidades de compreensão das situações espaciais – novas imaginações espaciais – que demandam novos conceitos e formulações sobre seu processo de formação.

5 CONCLUSÃO

A realização da pesquisa *A elaboração e o uso da imagem na construção do conhecimento em Geografia* fornece base para a inferência de algumas considerações importantes. O ponto de partida estruturante do trabalho foi o *estudo do meio*, no qual utilizamos a análise das imagens do *Subúrbio Ferroviário* para a construção de noções e conceitos próprios da ciência geográfica: espaço social, lugar e paisagem, aliados aos elementos constitutivos da linguagem humana, percepção e imagem inseridas no processo aprendente.

Como foi indicado na introdução desta pesquisa, o estudo sobre a percepção espacial e a elaboração/utilização das imagens na ciência geográfica abre perspectivas para análise e discussões importantes sobre as transformações que ocorrem no espaço social, sobre as ações e comportamentos que as organizações aprendentes desenvolvem sobre o mesmo.

A hipótese trabalhada foi a de que através da elaboração/utilização das imagens fotográficas é possível construir os conceitos de lugar, paisagem e espaço social, que são as bases fenomenológicas da realidade geográfica, na medida em que, os seus atributos podem ser diretamente experienciados como atributos do mundo vivido através do *estudo do meio* e dos exercícios promovidos nos vários espaços de aprendizagem sobre a percepção das imagens.

A partir dos procedimentos metodológicos propostos pela pesquisa, constatamos que a hipótese foi confirmada, visto que a aproximação/construção do conceito teórico ocorreu através da elaboração de esquemas mentais por parte dos aprendentes, como podem ser confirmados nos exemplos trazidos durante a pesquisa.

A metodologia proposta fundamentou-se em estratégias variadas como a contextualização espacial, o *estudo do meio*, produção conceitual, vivência em reuniões de formação e aprendizagem em sala de aula, registro fotográfico, análise da percepção, leitura/interpretação de imagens. Essa pluralidade se mostrou adequada, pois as variáveis contextuais urbanas assumidas no *estudo do meio*, no momento em que foram processadas como informação identificadora do modo de

viver dos moradores do *Subúrbio Ferroviário* deram origem à percepção ambiental urbana.

Considerando que a percepção ambiental urbana não é passível de ser decodificada imediatamente, mais só quando ela se faz representar, esta foi substituída pela imagem do fragmento urbano, registrado fotograficamente, tornando-se assim o seu signo. Esta representação sónica sobre o urbano é que gerou os questionamentos no interior da pesquisa.

A pesquisa teve como mediador sónico a própria informação que produziu a fotografia e que foi trabalhada nos espaços de sala de aula. Esta se mostrou como recurso altamente estratégico, porque, ao mesmo tempo em que permitiu o (re)conhecimento das características do fragmento do espaço urbano tomado como base para o processo perceptivo e de inferência de novos conhecimentos, tencionou e pôs em evidência o processo ideológico presente na produção do espaço, a partir da informação por ela produzida.

Nesta pesquisa, buscou-se confrontar os aspectos ambientais e socioespaciais presentes no espaço urbano tencionados com a ação pedagógica a partir dos aportes teóricos e metodológicos da Fenomenologia, de forma a encontrar uma nova maneira de abordar o espaço urbano e que a mesma pudesse subsidiar a prática do ensino e pesquisa na perspectiva da Geografia Humanística. Dessa forma, o aporte teórico utilizado foi de extrema importância para subsidiar os objetivos propostos na pesquisa.

Vale ressaltar que a análise compreensiva-descritiva proposta pela pesquisa encontra-se evidenciada na elaboração dos *mapas mentais* realizados pelos aprendentes, no qual a apreensão do conhecimento foi realizada através dos níveis presentes no círculo hemenêutico – compreensão, interpretação e nova compreensão. Nesse sentido, a pesquisa apresentou-se como exploratória, como uma interpretação aberta a outras interpretações, como sendo próprias da dinâmica do espaço.

Como foi demonstrado, os procedimentos sugeridos pela pesquisa embasada conceitualmente numa perspectiva descritiva/compreensiva, própria das abordagens

fenomenológicas-hemenêuticas, promoveu situações de contato direto entre os aprendentes, possibilitando as observações que envolvem o fenômeno aprendente, seja estes vividos no lugar da sala de aula, seja no espaço urbano tomado também como espaço de aprendizagem.

A atitude fenomenológica esteve sempre presente no desenvolvimento das etapas da pesquisa, tanto no momento do *estudo do meio*, quando os aprendentes foram convidados a observar atentamente o *ir e vir* das pessoas, suas ações, seus hábitos no seu próprio ambiente cotidiano para em seguida descrevê-los e comunicá-los a partir daquilo que foi percebido, quanto nas etapas presenciais em sala de aula quando através da transformação das realidades aprisionadas nos signos fotográficos, procurando desenvolver um movimento metódico de esvaziamento de todo saber absoluto e dos preconceitos presentes nos aprendentes.

As percepções dos aprendentes acerca das características ambientais do *Subúrbio Ferroviário* transformaram-se em índices referenciais possíveis, que foram fotografadas pelos aprendentes. A partir da realização do *estudo do meio*, ficou demonstrado que a participação dos aprendentes na elaboração/construção da imagem do *Subúrbio Ferroviário* aproxima-se dos aspectos teóricos-conceituais desenvolvidos em sala de aula como sendo elementos constitutivos das questões socioespaciais e dos problemas relacionados aos aspectos ambientais presentes no lugar e evidenciados pelo processo perceptivo do roteiro de observação.

Essas percepções, registradas fotograficamente e construídas em forma de idéias/imagens, permitiram a elaboração de *mapas mentais* por parte dos aprendentes de forma criativa e imaginativa.

Apesar de alguns *mapas mentais* não apresentarem uma linguagem bem definida relacionadas aos temas geradores – aspectos ambientais e socioespaciais – pode-se afirmar que os aprendentes desenvolveram competências e habilidades evoluídas de observar, identificar, reconhecer, interpretar, representar e analisar questões próprias da transformação do espaço geográfico.

A leitura/interpretação dos *mapas mentais* permitiram diagnosticar diferenças e semelhanças significativas tanto da percepção dos aprendentes quanto aos níveis da elaboração da linguagem geográfica. A partir da análise dos *mapas mentais* pode-se constatar que na produção/aproximação do conceitual da ciência geográfica, a percepção ambiental urbana adquire importância significativa para elaboração de uma narrativa a respeito do espaço urbano.

Na elaboração/utilização dos mapas mentais, encontramos elementos marcantes do espaço vivido que também foram identificados na medida em que encontramos traços e aproximação entre estes mapas mentais e a realidade ambiental aprisionada nas imagens fotográficas. Vê-se que tais elementos mantêm relações de similaridade com a imagem da cidade desenvolvida pelos aprendentes a partir da informação colhidas no lugar e que estas passam a fazer parte do repertório do sujeito ativo da aprendizagem.

O trabalho com as fotografias, suas cores, texturas e seus jogos de linguagem ajudaram a construir os conceitos geográficos, as memórias coletivas, além de terem criados alguns saberes específicos relacionados aos lugares do *Subúrbio Ferroviário*.

Reconhecemos que o trabalho com as imagens/visuais – fotográficas tem a capacidade de mobilizar a imaginação do aprendente, compreendida no interior da pesquisa como sendo a capacidade criadora e produtora de novas imagens interiores possíveis de serem exteriorizadas, seja na forma de representação figurada (outra imagem), ou seja em forma de texto verbal-escrito.

Portanto, foram esses novos textos que nos ajudaram a compreender os estágios de desenvolvimento da aprendizagem dos conceitos teóricos por parte dos aprendentes.

A partir dos resultados obtidos dessa pesquisa, fica evidenciada a importância de se garantir o acesso dos aprendente à elaboração/construção de conhecimentos que envolvam questões ligadas à imagem da Cidade e de um saber que promova um desenvolvimento humano.

No entendimento da pesquisa, é necessário agir para que, a curto e médio prazos a transformação dos espaços sociais ocorra sem equívocos de natureza segregacionista e possa desenvolver uma representação imagética da Cidade mais lógica e adequada às necessidades produtivas e que levem em consideração as aspirações e desejos dos seus usuários.

Ao chegar ao final desta pesquisa, continuamos acreditando que a Escola possui um papel importante a desempenhar na tentativa de ensinar/compreender como ocorrem as transformações dos espaços e de suas práticas sociais.

Fica evidente a necessidade de se garantir, através da proposta curricular em Geografia, o desenvolvimento do *estudo do meio* como parte do processo educativo, por ser este um fator fundamental para a aproximação dos conteúdos conceituais abstratos presentes no *corpus* da disciplina com a realidade vivida pelos aprendentes nos seus espaços intra-urbanos.

Nesse sentido, a ação educativa em Geografia apoiada na investigação científica e na percepção ambiental tendem a promover ações de natureza participativa e criativa nos próprios locais da existência, desde que sejam imaginados como possibilidades de superação da realidade social a partir de uma ação questionadora dos princípios e dos interesses defendidos pelo planejamento, que são alicerçados fundamentalmente em critérios técnicos de um processo neutro e puramente objetivo, mas que, em realidade, mascara o seu conteúdo ideológico e de classe.

Assegurar tal prática e procedimento seria, no mínimo, estimular o processo de debate e discussão no interior do processo educativo e de formação dos sujeitos.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e anotação**: olhares fora – dentro. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993 .

BARTHES, Rolande. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BORGES, Maria E. Linhares. **Historia & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. **Mini dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD: Lisa, 1996.

BUTTNER, Anne. O espaço interdisciplinar. In: SANTOS, M.e SOUZA, Maria A. A. de (Org.). **O espaço social numa perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escala e construção de conhecimento**. São Paulo: Papyrus, 1999.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda, (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social** : História, Comunicação e Educação. São Paulo : Cortez, 2004.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural : o estado da arte. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1955.

CONDER. **Regiões administrativas da cidade de Salvador**. Salvador, 2000.

CONDER. **Fotografias aéreas da cidade de Salvador**. Salvador, 2002. CDROOM.

CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny. **Introdução à Geografia cultural**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical : problemas da teoria. **Espaço e Cultural**. N. 5, p.7 – 35, jan/ jun. 1998.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** São Paulo : Moraes, 1992.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de.(Org.). **Percepção Ambiental a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DUARTE, Fábio. **Crise das matrizes espaciais**: arquitetura, cidades geopolíticas tecnocultural. São Paulo: Perspectivas: FAPESP, 2002.

ECO, Umberto. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1997.

FERRARA, Lucrecia D' Alessio. **Estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FERRARA, Lucrecia D' Alessio. **Olhar periférico**: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: EDUSP, 1993.

FRANCASTEL, Pierre. **A imagem a visão e a imaginação**. Lisboa: Ed 70, 1983.

GALEFFI, Dante. **Reflexões filosóficas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2000.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 1991**. IBGE, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000**. IBGE, 2000.

LEFÈBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthops, 1986.

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

KOSSOY, Boris. **História e fotografia**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pesquisa na história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEIXOTO, Adão José (Org.). **Concepções sobre fenomenologia**. Goiânia: UFG, 2003.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Revista Geografia**. V.4, n 7, p 5 – 19, abril 1979.

SANTAELLA, Lucia ; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SERPA, Ângelo (Org.). **Fala periferia! uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Salvador: UFBA, 2001.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SILVA, B. C. N. ; SILVA, S. B. M. **Cidade e região no estado da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1991.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do ensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel. 1980.

TUAN, Yi – Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.